



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciência Política - IPOL
Bacharelado em Ciência Política

**“Gabinete do Ódio”, uma *alt-right* à brasileira? Identidade e repertório de contas
brasileiras de extrema-direita no Twitter**

Gabriel Mendes Ciriatico Guimarães

Brasília
2020

Gabriel Mendes Ciriatico Guimarães

**“Gabinete do Ódio”, uma *alt-right* à brasileira? Identidade e repertório de contas
brasileiras de extrema-direita no Twitter**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciência
Política (IPOL) da Universidade de Brasília (UnB)
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Ciência Política.

Orientadora: Professora Dra. Marisa von Bülow

Brasília

2020

Gabriel Mendes Ciriatico Guimarães

**“Gabinete do Ódio”, uma *alt-right* à brasileira? Identidade e repertório de contas
brasileiras de extrema-direita no Twitter**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciência
Política (IPOL) da Universidade de Brasília (UnB)
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Ciência Política.

Prof^a Dr^a Marisa von Bülow

Orientadora

Prof^a Dr^a Rebecca Abers

Parecerista

Resumo

A direita brasileira vem desde 2015 passando por processos de mudança e reorganização, com setores se diferenciando e diversificando suas práticas. O objetivo desta monografia é estudar o discurso e as práticas do setor conhecido como “Gabinete do Ódio”, com contas no Twitter listadas em inquérito do Supremo Tribunal Federal e na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das Fake News, em 2019. O grupo adota práticas principalmente digitais, que levariam à desinformação e à manipulação do debate público na Internet. Para entender esse grupo, é feita a comparação com o movimento social estadunidense da *alt-right* através da análise descritiva e metodologia de classificação de contas da *alt-right* no Twitter.

Palavras-chave: movimentos sociais, ativismo digital, política contenciosa, Twitter, memes, *alt-right*.

Abstract

The Brazilian right-wing has been going through processes of change and reorganization since 2015, with sectors differentiating and diversifying their practices. The objective of this study is to analyse the discourse and practices of a subgroup, known as the “Hate Office” (“Gabinete do Ódio”, in Portuguese). The research is based on an analysis of the Twitter accounts that were listed in an inquiry by the Supreme Federal Court and in the Fake News Joint Parliamentary Inquiry Commission (CPMI) in 2019. The group’s activities are primarily digital, supposedly focused on the spread of misinformation and on the manipulation of public debate on the Internet. To understand this group, a comparison is made with the American alt-right social movement through descriptive analysis and methodology for classifying alt-right accounts on Twitter.

Keywords: social movements, digital activism, contentious politics, Twitter, memes, alt-right.

Sumário

1. Introdução	6
2. Ascensão dos movimentos sociais de direita	7
2.1 Direita brasileira nas ruas.....	7
2.2 “Gabinete do Ódio” e rede orquestrada de desinformação digital.....	9
3. A direita internacional.....	13
3.1 A transnacionalização dos discursos e práticas da direita	13
3.2 Surgimento e estabelecimento da <i>alt-right</i> nos EUA	15
3.3 Identidade coletiva da <i>alt-right</i>	16
3.4 Repertório de confronto da <i>alt-right</i>	19
4. Metodologia e dados	26
5. Análise da identidade e do repertório do Gabinete do Ódio.....	30
5.1 Proximidade dos discursos das contas analisadas com a <i>alt-right</i>	37
6. Considerações finais.....	48
Referências bibliográficas	49
Anexos	54

1. Introdução

Desde 2013, o Brasil vivencia mobilizações de rua massivas com pautas ligadas à direita do espectro político. Essa movimentação foi de encontro com um fenômeno que era observado desde o fim da ditadura, em que no Legislativo os políticos se diziam mais à esquerda do que suas atitudes no parlamento eram de fato, e nas ruas, os grupos que conseguiam aglomerar mais pessoas eram abertamente de esquerda. A partir de 2015, a literatura de ciência política passou a despender esforços para entender o que era essa nova direita que estava se ampliando no país e que em 2018 ajudaria a levar Jair Bolsonaro ao poder, o primeiro presidente assumidamente de direita da Nova República (1985-).

A literatura sobre essa nova direita brasileira nos permite enxergar grupos focados nos eixos do antipetismo, conservadorismo moral e defesa dos princípios neoliberais na economia, com foco em críticas ao PT e a supostos projetos de dominação progressistas (ideologia de gênero e a guerra cultural), e a defesa do fim do intervencionismo estatal e da redução de políticas de redistribuição (MESSENERG, 2017). Suas práticas são diversas, mas as que mais se destacaram foram mobilizações digitais aliadas a manifestações presenciais, com presença massiva em mídias sociais como Facebook e Twitter e nas ruas, onde chegaram a reunir cerca de 1 milhão de pessoas (TATAGIBA; TRINDADE, TEIXEIRA, 2015).

No entanto, a discussão pública tem dado atenção para setores da direita brasileira que aparentam ter outras ideologias e práticas do que esses grupos de direita que chamaram atenção em 2015. O objeto desta pesquisa é analisar um grupo de contas de direita com práticas fundamentalmente digitais, a quem se atribui uma organização para criação de desinformação na Internet, com propagação de *fake news* e ataques organizados para “destruir reputações”. Algumas vezes citado como “gabinete do ódio”, o grupo que se enquadra nessa definição foi alvo de 2 ações importantes dos Poderes Judiciário e Legislativo: o Inquérito 4781, conhecido como Inquérito das Fake News, aberto em março de 2019 pelo Supremo Tribunal Federal (STF); e a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das Fake News, instaurada em dezembro de 2019 no Congresso Nacional.

Para entender esses novos grupos, tanto jornalistas (e.g. MEIRELES, 2019) como analistas (e.g. CHAGAS-BASTOS, 2019, p. 94) vêm utilizando comparações com grupos de direita de outros países, com destaque para a *alt-right*. A *alt-right* é um movimento social estadunidense que desde 2015 ganhou bastante destaque na política dos EUA, com práticas basicamente digitais, por meio das quais difundem desinformação e realizam ataques digitais contra adversários. É um grupo cuja ideologia é centrada em uma crítica ao progressismo e a

setores tradicionais da direita. A ideologia e as práticas digitais desse grupo entram em acordo com parte das descrições do que seria esse novo setor radical da direita brasileira - mas levanta a questão de como essa definição de *alt-right*, feita para enquadrar um grupo da direita estadunidense, pode ser útil para entender o contexto brasileiro.

O objetivo principal da pesquisa é mapear esse grupo de contas brasileiras da extrema-direita focado na desinformação digital, traçando uma análise descritiva de parte das suas práticas e discursos na Internet. O mapeamento é feito com base em documentos do Legislativo e do Judiciário que fizeram referência a perfis no Twitter, mídia social em que essas contas se destacaram no uso dessas práticas que levariam à desinformação. Como objetivos secundários, a comparação com a *alt-right* estadunidense permite entender as práticas digitais desse grupo brasileiro em paralelo com práticas digitais semelhantes da *alt-right*. Essa referência à *alt-right* estadunidense ainda visa contribuir com a discussão sobre a importação de conceitos de outros países para entender a direita brasileira.

A análise descritiva é feita a partir da leitura de tuítes selecionados aleatoriamente das contas listadas nos documentos usados. A leitura dos tuítes levou a uma anotação detalhada de cada publicação, com análise de todo conteúdo ao qual o tuíte se referia (podcasts, vídeos, artigos, notícias etc.). Após essa análise, parto para aplicação do método de Thorburn, Torregrosa e Panizo (2018) de classificação de contas do Twitter da *alt-right*, verificando sua aplicabilidade no caso brasileiro.

2. Ascensão dos movimentos sociais de direita

2.1 Direita brasileira nas ruas

A mobilização popular na Nova República (1985-) foi dominada principalmente por grupos localizados à esquerda no espectro político, com destaque para movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Desde o fim da ditadura, já era observado como deputados federais e senadores se declaravam como mais à esquerda do que as pautas que defendiam de fato eram (ZUCCO, 2011, p. 41). Nas ruas, a ausência de grandes mobilizações populares com pautas ligadas à direita também permitia observar certa dificuldade de mobilização por esse setor.

A partir de 2007, no entanto, o cenário começou a mudar, com mobilizações populares cujas pautas estavam mais próximas da direita, com o movimento “Cansei” se organizando em torno da oposição ao governo Lula, tomando como ponto de partida a crise aérea que o país

enfrentava. Apesar de 2 protestos que somaram mais de 7 mil manifestantes, o movimento não voltou a organizar mobilizações em São Paulo (TATAGIBA; TRINDADE, TEIXEIRA, 2015, p. 198). Somente entre junho e julho 2013 pautas próximas à direita, com um antipetismo cada vez mais evidente, voltaram a ser colocadas em manifestações populares.

O ano de 2013 foi um ano importante no retorno da mobilização popular em massa da direita no Brasil. Foi nesse ano que o Movimento Brasil Livre (MBL) fez sua primeira publicação no Facebook. O movimento surgiu com a pauta de organizar pessoas pelo impeachment da então presidente Dilma Rousseff (SILVA, 2016, pp. 67-68). Em 2014, ano eleitoral, as mobilizações promovidas por grupos de direita passaram a ter pautas mais claras, com novos grupos se somando à organização. Assim, em São Paulo grupos como MBL, Vem Pra Rua e Revoltados Online, todos com forte presença em mídias sociais, organizaram protestos com palavras de ordem como “Fora PT”, “Fora Dilma” e “Fora Corruptos” (TATAGIBA; TRINDADE, TEIXEIRA, 2015, p. 199).

Com a eleição de Dilma e o início de seu segundo mandato em 2015, a palavra de ordem gradualmente se tornou “Fora Dilma”, com o pedido de impeachment da ex-presidente. Protestos com cerca de 1 milhão de pessoas foram realizados ao longo do ano, marcando as primeiras mobilizações massivas com pautas à direita no Brasil na Nova República (TATAGIBA; TRINDADE, TEIXEIRA, 2015, p. 199). Cabe destacar que esse não foi o único período da história do país em que foram observadas mobilizações de rua com pautas ligadas à direita: em 1964 teve espaço a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, com entre 500 e 800 mil pessoas defendendo os valores tradicionais da família e contra o comunismo, e a Marcha da Vitória, com cerca de 2 milhões de pessoas, comemorando o início do regime militar (MENDES, 2005, p. 245).

A ideologia desse novo grupo no cenário de movimentos sociais brasileiros é bastante difusa. Para entender como pensa essa nova direita, recorro a Messenberg (2017), que traçou os campos semânticos e ideias-força por trás desses grupos a partir de suas publicações em mídias sociais. Os três campos semânticos sobre os quais as ideias desses grupos estão construídas são o antipetismo, o conservadorismo moral e os princípios neoliberal. No primeiro campo, há ênfase em combate à corrupção, ao petismo e ao “bolivarianismo”; enquanto no segundo há a exaltação da “família tradicional” e o resgate da fé cristã, assim como o anticomunismo; e nos princípios neoliberais, a defesa do Estado mínimo e do livre mercado.

Quadro 1 - Ideias-força de três campos semânticos da nova direita brasileira

Antipetismo	Conservadorismo moral	Princípios neoliberais
<i>Impeachment</i> (Fora PT, Fora Dilma, Fora Lula)	Família tradicional	Estado mínimo
Corrupção	Resgate da fé cristã	Eficiência do mercado (privatização)
Crise econômica	Patriotismo	Livre iniciativa (empreendedorismo)
Bolivarianismo	Anticomunismo	Meritocracia
	Combate à criminalidade/aumento da violência	Corte de políticas sociais
	Oposição às cotas raciais	

Fonte: Messenberg, 2017, p. 633.

O quadro proposto por Messenberg vai ao encontro de outros estudos do ideário da nova direita brasileira, que enfatizam como esses grupos se organizaram ao redor do antipetismo, do conservadorismo e do liberalismo econômico (DIAS, 2017). É importante enfatizar que esse quadro foi traçado com base em publicações de 2015 e o ideário de movimentos sociais não é fixo, se adaptando aos novos contextos. No entanto, é um quadro importante para se ter em mente quando se discute a direita brasileira.

Esse quadro, no entanto, apesar de adequado para descrever as ideias ao redor das quais a direita brasileira estava organizada em 2015, tem dificuldade de compreender grupos que vêm se destacando desde a eleição de Bolsonaro. Em especial, chamo atenção para um setor da direita brasileira com foco nas práticas digitais e cuja identidade e repertório não se encaixam nos grupos descritos pela bibliografia de 2015.

2.2 “Gabinete do Ódio” e rede orquestrada de desinformação digital

O Inquérito (INQ) 4781, conhecido como Inquérito das Fake News, foi aberto em 14 de março de 2019 pelo então presidente do STF, Dias Toffoli, dedicado a apurar crimes envolvendo a divulgação de notícias falsas e difamação contra o tribunal e seus ministros (D'AGOSTINO; OLIVEIRA, 2019). Oito dias depois, o relator do inquérito, ministro Alexandre de Moraes, determinou o bloqueio das contas que atacaram o STF em mídias sociais. Em 16 de abril foi deflagrada operação da Polícia Federal de busca e apreensão em endereços

de acusados em São Paulo, Goiânia e Brasília, com decisão judicial exigindo bloqueio das contas dos envolvidos em mídias sociais.

Em 27 de maio de 2020, outra operação da Polícia Federal foi deflagrada sob o âmbito do mesmo inquérito, chamada de Operação Fake News. No despacho sobre a operação, Moraes afirma que “as provas colhidas e os laudos técnicos apresentados no inquérito apontaram para a existência de uma associação criminosa dedicada à disseminação de notícias falsas, ataques ofensivos [...], com flagrante conteúdo de ódio, subversão da ordem e incentivo à quebra da normalidade institucional e democrática” (SOARES, 2020). Esse pedido de bloqueio por parte de Moraes levantou polêmica porque as plataformas se recusaram em um primeiro momento a bloquear as contas listadas. Depois, admitiram o bloqueio, mas apenas em âmbito nacional, com as contas podendo ser visualizadas por usuários que configurassem seu perfil como habitante de outro país. Apenas em 30 de junho Moraes determinou o bloqueio internacional de contas de uma nova lista (FERREIRA, 2020).

Os perfis analisados na operação participaram de mobilizações digitais que levaram hashtags contra o STF a ocupar o topo dos Trending Topics do Twitter entre 7 e 19 de novembro de 2019. Usuários, muitas vezes anônimos, se utilizaram de hashtags como “#STFVergonhaNacional”, “#STFEscritoriocrime” e “#ImpeachmentGilmarMendes” (COELHO, 2020), com esta última resultando até mesmo em manifestações pelo país em 17 de novembro de 2019 (SARTORI, 2019), em que pediram a retirada do ministro Gilmar Mendes do STF e defenderam pautas como prisão em segunda instância.

Figura 1 - Tuíte de conta anônima citada no Inquérito das Fake News dando dicas de como subir a hashtag “#ImpeachmentGilmarMendes”.



Let's Dex @Lets_Dex · 12 de nov de 2019

...

Mantenham a mesma tag.

#ImpeachmentGilmarMendes

Instruções:

DICAS PARA A TAG NÃO VIRAR SPAM E SUBIR MAIS RÁPIDO

- 1- Fazer uma TAG por tweet.
- 2- Não twittar a TAG sozinha, escreva sempre algo junto, pois o twitter marca tags vazias como spam.
- 3- Não escrever a mesma coisa com a TAG várias vezes.
- 4- Não colocar números.
- 5- Sem sinais gráficos (til, cedilha... etc), a TAG sobe mais rápido.
- 6- Não misturar TAGs diferentes no mesmo tweet.
- 7- Nunca, jamais, coloque a TAG várias vezes num tweet. Coloque a TAG uma vez por tweet, ou no final de cada tweet seu, porque se colocar várias vezes a Tag vira spam e não sobe nunca.
- 8- Não coloque as palavras 'Spam' e 'WTF' nos tweets, pois elas são



224

852

1,5 mil



Fonte: Conta do usuário @Lets_Dex no Twitter.¹

A CPMI das Fake News, por sua vez, foi instalada em 4 setembro de 2019, após requerimento do deputado federal Alexandre Leite (DEM), com mais de 324 apoios de senadores e deputados (CPMI, 2019). O objetivo da CPMI é “investigar a criação de perfis falsos e ataques cibernéticos nas diversas redes sociais, com possível influência no processo eleitoral e debate público” (CPMI, 2019). O objetivo difere do Inquérito das Fake News, passando a abarcar eventos que aconteceram no período eleitoral de 2018 e focando no debate público, indo além de ataques digitais contra o STF. No entanto, a CPMI e o Inquérito se aproximam tanto pelas contas citadas como pela descrição da forma de atuação de quem estaria por trás desses crimes - uma rede ou associação criminosa com foco em desinformação digital.

O termo “gabinete do ódio” vem sendo utilizado por jornalistas, parlamentares, ministros do STF e personalidades públicas. Não é claro quando o termo passou a ser utilizado, mas faz referência a uma rede de perfis em mídias sociais focados em atacar e manipular o debate sobre política. O termo foi utilizado em documento do STF que foi analisado nesta pesquisa, assim como por outros deputados na CPMI. Em seu depoimento, a deputada apresentou uma rede de contas no Twitter que estaria por trás de publicação e difusão de

¹ Disponível em: <https://twitter.com/Lets_Dex/status/1194240659911254016>. Acesso em: 10 nov. 2020.

notícias falsas, com robôs envolvidos em ataques coordenados contra opositores. Essa rede de perfis teria atuação semelhante à descrita pelos relatórios feitos no Inquérito das Fake News: influenciadores e contas falsas levantaram hashtags no Twitter para confundir o debate público. Hasselmann citou como exemplos de hashtags “#AlcolumbreMaquiavélico”, “#ForaGilmarMendes” e “#DeixaDeSeguirAPeppa” (BITTAR, 2019). Esta última foi feita em ataque direto à deputada, iniciando quando passou a se desentender publicamente com figuras da direita e do governo Bolsonaro. Essa rede de manipulação descrita pela deputada associou sua imagem a um meme de difamação, em que Hasselmann é comparada à personagem Peppa Pig, uma porca de cor rosa de um desenho infantil, em referência às características físicas da deputada.

Figura 2 - Tuíte de conta anônima associando a deputada Hasselmann à personagem Peppa Pig e utilizando a hashtag “#DeixaDeSeguirAPeppa”



Fonte: Conta do usuário @BrasileiroLivre no Twitter.²

² Disponível em: <<https://twitter.com/BrasileiroLivre/status/1185547166191882241>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Esse grupo, descrito nos relatórios do STF e nos documentos usados na CPMI das Fake News, aparenta ter diferenças significativas com a direita que tomou as ruas em 2015 descrita pela literatura, caso consideremos as descrições feitas. Em 2015, os grupos maiores e em destaque tinham lideranças que não escondiam sua identidade - em 2018, muitos conseguiram até se eleger para cargos na política, como Kim Kataguirí (MBL) e Bia Kicis (Revoltados ONLINE), ambos deputados federais eleitos em 2018. Suas mobilizações eram feitas em oposição principalmente a figuras petistas, como Dilma Rousseff e Lula, e não contra figuras da própria direita, como os ataques coordenados contra os deputados Joice Hasselmann e Alexandre Frota. A discussão sobre desinformação era feita, mas questões centrais atualmente não eram discutidas, como a manipulação do debate público através de contas falsas, já que as mobilizações grandes nas ruas eram associadas a movimentações também grandes na Internet.

O recurso de comparar esse grupo, com práticas aparentemente novas, a grupos de outros países que parecem ter práticas semelhantes pode ter alguma validade quanto a esclarecer o que observamos no Brasil. A comparação desse setor da extrema-direita brasileira com a *alt-right*, já feita por jornais (MEIRELES, 2019), apresenta alguma pertinência quando se observa quais as ideologias e práticas desse movimento social estadunidense: organização focada em práticas digitais; uso de hashtags no Twitter como forma de divulgação e ataque a adversários; utilização do anonimato; criação de memes agressivos contra adversários políticos; ataques contra a própria direita; uso de símbolos próprios como o *vaporwave*; e criação de notícias na Internet que levam à desinformação.

3. A direita internacional

3.1 A transnacionalização dos discursos e práticas da direita

A construção de redes transnacionais voltadas para a difusão de pautas ligadas à direita não é algo novo. Bob (2012) traça as disputas travadas nos debates e proposições na Organização das Nações Unidas (ONU) sobre sexualidade e direitos reprodutivos, com criação de organizações não-governamentais (ONGs) voltadas para o *lobby* e organização de países com visões conservadoras, datando de pelo menos 1976 (BOB, 2012, p. 42). Além de se aproveitarem de uma moralidade em comum entre esses países contrários às pautas progressistas no debate de sexualidade, essas ONGs se aproveitaram do discurso do medo, instigando o nacionalismo nesses países. Para tanto, ajudaram a difundir a ideia de que direitos

de homossexuais e ao aborto são pautas ocidentais impostas no mundo todo (BOB, 2012, p. 46).

A criação dessas redes é útil para os movimentos sociais porque permite que se estabeleçam ligações emocionais e de logística entre ativistas de diferentes países, que se sentem marginalizados dentro dos seus territórios nacionais (MACKLIN, 2013, p. 177). Analisando o *British National Party* (BNP) e o *Nationaldemokratische Partei Deutschlands* (NPD), Macklin (2013, p. 178) ainda sustenta que esse transnacionalismo pode radicalizar esses diferentes grupos de direita, que constroem um enquadramento amplo capaz de interpretar a realidade a um nível global. No caso do BNP e NPD, essa radicalização em torno de um enquadramento comum é feita em torno do anti islamismo. Esse alinhamento discursivo entre diferentes direitas europeias também é descrito por Caiani e Kröll (2017), que mostram como partidos políticos e movimentos sociais da Itália e da Alemanha têm um discurso nacionalista semelhante, com a visão de uma nação soberana se opondo à imagem do outro - a imagem de um povo europeu contra migrantes de diferentes nações, ameaçando essa homogeneidade e soberania (CAIANI; KRÖLL, 2017, p. 340).

No próprio Brasil já foram observadas essas redes transnacionais da direita, com destaque para três casos: o Movimento Escola Sem Partido, de 2004; a campanha pelo “Não” no referendo sobre a proibição de comercialização de armas de fogo e munições em 2005; e a mobilização contra a “ideologia de gênero”, iniciada por volta de 2011.

No caso do Movimento Escola Sem Partido, houve inspiração por parte do grupo No Indoctrination, nos EUA (SEVERO; GONÇALVES; ESTRADA, 2019, p. 11). No segundo, a campanha pela não proibição da comercialização de armas de fogo contou com apoio de ONGs dos EUA, Canadá e até mesmo mundiais contra o desarmamento (BOB, 2012, p. 147). O compartilhamento de estratégias e logística dessas organizações internacionais para os ativistas brasileiros fez com que no país se tivesse a impressão de viver uma crise em relação a armas (BOB, 2012, p. 150). Já no terceiro, houve a vinda do termo “ideologia de gênero” para o debate política brasileiro, um termo definido pelo argentino Jorge Scala, que afirma que “as ideologias se impõem utilizando o sistema educacional formal [...] e não formal [...], como fizeram os nazistas e os marxistas” (REIS; EGGERT, 2017, p. 16). A ideologia de gênero, assim, seria uma tentativa de imposição de valores deturpados sobre sexualidade. Ao construir seus argumentos, Scala também faz referência às disputas nos debates travados na ONU, que também sofreram influência da transnacionalização do ativismo de direita, como já mencionado (RIES; EGGERT, 2017, p. 17).

Por causa do caráter transnacional das redes de direita, trazer a discussão sobre outros países para tentar entender parte das direitas nacionais se mostra uma iniciativa válida. No entanto, é preciso analisar os discursos e práticas que teriam ultrapassado essas fronteiras, assim como compará-los.

3.2 Surgimento e estabelecimento da *alt-right* nos EUA

Para entender a história da *alt-right*, utilizo a divisão de Hawley (2016), que diferencia entre uma Primeira Onda da *Alt-Right*, indo de 2008 até 2014, e o que vemos atualmente, de 2015 até hoje. O termo direita alternativa foi proposto pelo supremacista branco Richard Spencer em 2008 (HAWLEY, 2016, p. 32) na revista *Taki's Magazine*. Inicialmente, “direita alternativa” aparece como um termo proposto para abarcar setores da direita em reação à direita que estava no poder nos EUA. Na época, os republicanos ocupavam a presidência com George W. Bush, cujos esforços em conflitos exteriores irritaram Spencer (HAWLEY, 2016, p. 56).

Em artigos escritos no site da revista, a raiz ideológica do que Spencer propôs ficou mais clara. Lyons (2018) traça as influências originais da *alt-right*, retomando uma diferenciação na direita americana entre paleoconservadores e neoconservadores. O paleoconservadorismo está ligado à *Old Right* americana, direita tradicional, que se opunha a pautas de intervenção no Estado para o bem-estar, como as medidas do *New Deal* em 1930, e tinha foco em anticomunismo durante a Guerra Fria (LYONS, 2018, p. 3). Os paleoconservadores se opuseram em 1980 ao que chamaram de neoconservadores, ex-liberais e intelectuais que passaram a ocupar o poder, principalmente através do presidente Ronald Reagan na década de 1980. A raiz ideológica da *alt-right* remonta aos paleoconservadores, preocupados com aspectos culturais, discussão sobre inimigo interno e oposição a medidas econômicas com foco social por parte do Estado (LYONS, 2018, p. 3). A ligação com os paleoconservadores está explícita até na definição do termo “direita alternativa”, que remonta a artigos do intelectual paleoconservador Paul Gottfried (HAWLEY, 2016, p. 55).

Em 2009, foi fundada a revista *AlternativeRight.com*, que se utilizou de campanha de financiamento coletivo para se estabelecer. Spencer chamou a iniciativa de um “webzine cultural”, espécie de revista digital, em que o debate racial era um dos focos da publicação e que influenciou outras iniciativas digitais da direita americana (HAWLEY, 2016, p. 57). Em 2011, Spencer passou a chefiar o *think-tank* nacionalista *National Policy Institute*, onde continuou a publicar análises sobre a política americana (LYONS, 2018, p. 4).

Em 2013, no entanto, Spencer derrubou o site da revista *AlternativeRight.com*, revelando mais tarde desconforto com o termo “direita alternativa”. O desconforto com o termo veio porque “minhas visões sobre diferenças raciais não são uma visão ‘alternativa’ [...]. São a visão certa”, assim como “não há nada inerentemente ‘de direita’ nessas ideias, assim como a teoria heliocêntrica do mundo não é ‘de direita’ ou a geocêntrica ‘de esquerda’” (HAWLEY, 2016, p. 65). A partir daí, Hawley (2016) afirma que o termo “direita alternativa” começou a enfrentar seu primeiro declínio. Em 2014, Lidell e Nowicki criaram o site *Alternative Right*, mas a tentativa não alcançou a mesma popularidade que o site original. Neste ano, a primeira onda da *alt-right* acabou.

Entre 2014 e 2015, o termo “direita alternativa” voltou a ser popularizado, mas dessa vez sem apoio direto de Spencer. Hawley (2016, p. 68) menciona o Twitter como uma plataforma de divulgação e crescimento desse setor da direita que se auto denominava *alt-right*, com o uso da hashtag “#AltRight”. A partir daí, a *alt-right* sofre uma expansão que traz mudanças em relação à primeira onda do movimento: o movimento se desprende das lideranças e figuras intelectuais da primeira onda, como Spencer; e suas táticas passam a ter maior foco em ironizar e atacar quem consideram adversários, através de memes principalmente (HAWLEY, 2016, p. 69).

A mudança primordial entre a primeira e a segunda onda da *alt-right*, assim, se dá na questão de práticas e tamanho do número de apoiadores, assim como independência em relação às lideranças iniciais do movimento.

3.3 Identidade coletiva da *alt-right*

A discussão histórica sobre a *alt-right* americana e a origem do termo é importante para entender a evolução desse setor da direita ao longo do tempo: de um grupo restrito de influência intelectual em 2008 para um grupo diverso composto por *trolls*, masculinistas e supremacistas brancos em 2018. Também é importante para enfatizar a formação da estrutura organizacional, que conta com intelectuais, líderes e eventos em que desenvolveram seus aspectos organizativos, bem como suas práticas digitais.

O debate a respeito da importância de uma identidade comum para um movimento social vem sendo feita na ciência política desde pelo menos a década de 1930, com as tentativas de se entender o fascismo (GAMSON, 1991, p. 40). No entanto, se deve aos teóricos europeus uma discussão mais robusta a partir da década de 1980, com um debate consistente sobre o conceito de “identidade coletiva”. A discussão sobre os novos movimentos sociais que estavam

surgindo nesse período levantaram questionamentos sobre a adequação de conceitos antigos sobre coesão de grupos.

Diferente de movimentos sociais tradicionais, como sindicatos, organizados ao redor de questões de classe, e grupos focados na questão racial, “problemas políticos tradicionais” (MELUCCI, 1995, p. 41), os novos movimentos sociais surgiram agrupando pessoas com diferentes origens, sem uma característica comum prévia facilmente distinguível. Movimentos como o ecológico e grupos que se organizam pedindo paz no mundo, por exemplo, abarcam pessoas de diferentes raças e classes. O conceito de identidade coletiva surge tentando entender as questões culturais compartilhadas entre essas pessoas, formando esse conjunto de “orientações comuns, valores, atitudes, visões de mundo e modos de vida” compartilhados pelos indivíduos (DELLA PORTA; DIANI, 1999, p. 92).

Melucci (1995, pp. 43-44) propõe entender essa formação de identidade coletiva, de um “nós coletivo” dentro de um grupo, a partir de três “ordens de orientação”: a noção que a ação tem para o ator, dizendo respeito ao fim de suas ações; as possibilidades e limites das ações, com respeito aos meios aos quais os indivíduos têm acesso para utilizar na mobilização; e o campo no qual a ação se dá, com respeito aos relacionamentos desenvolvidos no ambiente. O autor entende identidade coletiva como o processo da construção desse sistema de ações do movimento, “uma definição interativa e compartilhada produzida por vários indivíduos [...] e preocupada com as direções das ações e o campo de oportunidades e limites em que a ação toma forma” (MELUCCI, 1995, pp. 44-45).

No caso da *alt-right*, para entender as crenças, valores e ideias que esse grupo tem, é importante discutir sobre sua identidade coletiva. Não se trata de um movimento puramente tradicional - apesar da questão racial ser importante para o movimento, o debate cultural é fundamental, permitindo explicar até mesmo como a raça branca estaria perdendo espaço no mundo, com videogames e filmes aderindo à pauta da representatividade, por exemplo. Newton (2017) propõe uma leitura da *alt-right* a partir dessa bibliografia clássica de movimentos sociais. Entendendo identidade coletiva como “a definição compartilhada de um grupo que vem dos interesses em comum, das experiências e da solidariedade de seus membros” (TAYLOR; WHITTIER, 1992, p. 105 apud NEWTON, 2017, p. 39), a autora propõe definir a identidade coletiva da *alt-right* a partir de quatro componentes centrais: enquadramento do protagonista, em que os membros do movimento se antagonizam com uma figura; a cultura do movimento; a linguagem compartilhada; e as redes submersas.

O enquadramento do protagonista diz respeito à visão que um movimento cria do seu opositor (HUNT et al., 1994 apud NEWTON, 2017, p. 40). Essa capacidade de diferenciar o

“eu” do “outro” é um componente central da identidade coletiva de um movimento, já que implica a capacidade de entender contexto e limites entre áreas de pertencimento (FOMINAYA, 2010, p. 395). A criação da identidade coletiva de um grupo passa por uma definição positiva do que ele é, bem como de uma negativa, do que ele não é (DELLA PORTA; DIANI, 1999). A definição desse coletivo pela *alt-right* é diversa: passando pela apropriação de termos pejorativos por figuras de oposição, como *The Deplorables*, termo usado por Hillary Clinton durante eleição presidencial dos EUA, até *red-pillers*, em referência ao filme *Matrix*, no qual quem toma a pílula vermelha passa a enxergar a realidade (NEWTON, 2017, p. 40).

A cultura do movimento diz respeito a um conceito que abarca elementos distintos e amplos como “costumes, crenças, narrativas, valores, artefatos, mitos, símbolos e rituais” (NEWTON, 2017, p. 41). É nesse componente que entra a cultura de criação e difusão de memes pela *alt-right*, assim como a questão dos *trolls*. Entra também aqui a criação de símbolos que são entendidos por membros da comunidade, como o uso dos parênteses triplos, chamado de “(((echo)))”, para identificar figuras ligadas ao judaísmo e sionismo (NEWTON, 2017, p. 41). A apropriação de emojis pelo grupo também é notória, com destaque para o uso do emoji do sapo, em referência ao meme “Pepe, the Frog”, e do leite, referência ao uso do leite como símbolo do supremacismo branco (NEWTON, 2017, p. 42).

A criação de uma linguagem própria também é um elemento fundamental da identidade coletiva do grupo. Essa linguagem no caso da *alt-right* é composta de uma variedade de palavras: coloquialismos, como *lulz* e *kek* (variações do termo *lol*, representando um humor ácido de ataque contra opositores); apelidos para caracterizar grupos de pessoas, como *cuckservatives* (em referência a conservadores) e *rapefugees* (associando refugiados a estupradores); e acrônimos, como *HBD/human biodiversity* e *ZOG/Zionist occupied government* (NEWTON, 2017, p. 43).

Por fim, Newton faz referência às “redes submersas”, retomando conceito de Melucci (1989) e Mueller (1994). Trata-se de um espaço em que membros de um grupo que partilham uma mesma identidade coletiva sentem-se livres daqueles no poder, podendo criar pensamentos e atitudes contra-hegemônicas, “sem medo de serem ostracizados ou julgados” (NEWTON, 2017, p. 44). Em movimentos sociais tradicionais, esses espaços são frequentemente encontrados em marchas, protestos e eventos presenciais. A *alt-right*, no entanto, tem foco organizacional digital, o que faz com que esses espaços sejam principalmente digitais. Esses espaços são citados de diferentes formas na bibliografia sobre movimentos sociais, com Della Porta e Diani (1999, p. 94) chamando atenção para o surgimento de “redes

de relações de confiança” entre os atores quando do surgimento de uma identidade coletiva em um grupo.

Esses espaços digitais são diversos para a *alt-right*, tendo mudado com o tempo. Em 2016, Anglin citou plataformas como Twitter, Reddit e 4chan como lugares em que a *alt-right* estava se organizando de forma orgânica. Nesses espaços, como o Reddit, em que qualquer usuário pode acessar qualquer fórum, a *alt-right* afastava outros membros através do uso de uma linguagem extremista. No entanto, como mostra Newton, essas plataformas começaram a banir e censurar contas do grupo, levando-os a desenvolverem suas próprias versões dessas plataformas. Essa mudança foi o que ficou caracterizado como *alt-tech*, resultando em redes sociais como Gab, uma plataforma semelhante ao Twitter mas que prometeu abrigar todo tipo de discurso, em defesa da liberdade de expressão (NEWTON, 2017, p. 45).

3.4 Repertório de confronto da *alt-right*

Além da identidade coletiva de um movimento, outro aspecto importante para analisá-lo é seu repertório de confronto, que permite entender as táticas utilizadas em sua mobilização contra seus opositores. Esse conceito foi definido originalmente por Tilly, que o caracteriza como o conjunto de formas com as quais as pessoas agem para alcançar um objetivo comum (TARROW, 1998, p. 51). Como pontua Tarrow, “é um conceito ao mesmo tempo estrutural e cultural”, já que leva em conta o que as pessoas envolvidas na ação fazem, mas também o que elas sabem fazer, situadas em um tempo e espaço bem definidos (TARROW, 1998, p. 51). Assim, o repertório de confronto de ativistas de movimentos sociais na Europa em meados da década de 2000, por exemplo, era composto de passeatas, declarações na imprensa e petições, métodos que eram modificados pelos ativistas, mas foram aprendidos por eles naquele contexto específico (TILLY, 2006, p. 36).

As práticas digitais compõem de forma fundamental o repertório de confronto da *alt-right*, que é um grupo que se mobiliza e se expressa principalmente pela Internet desde 2015 (HAWLEY, 2016, p. 68). Recorro ao mapeamento de Dal Bosco (2018) das práticas digitais do grupo, que mostrou o papel de conceitos como dos memes e do *media hoax* nas práticas da *alt-right* estadunidense. A autora chama atenção para como as práticas digitais da *alt-right* tentam subverter a comunicação hegemônica com foco no humor e na sátira (DAL BOSCO, 2018, p. 22).

Um conceito importante para entender as práticas e o comportamento digitais da *alt-right* é o de *troll*. Um *troll* é um usuário que entra em uma comunidade digital para “causar

confusão e/ou para começar ou acentuar conflito para própria diversão” (HARDAKER, 2010, p. 237). O termo na realidade vem sendo usado desde pelo menos 1992, quando apareceu no *Oxford English Dictionary* remetendo a uma “pescagem de reações inflamadas” (PHILLIPS, 2015, p. 30). Essa referência à pescagem se dá por causa do uso do termo *trolling* na pesca, em que uma isca é colocada atrás de um barco para ver o que se poderia capturar assim (MERRIN, 2019, p. 202). Merrin (2019) propõe enxergar a prática dos *trolls*, a trollagem, como essa atitude de provocação, com uso do humor, quase como um esporte - é divertido para o *troll* irritar e conseguir fazê-lo com o máximo de pessoas possível.

A trollagem é, na realidade, uma prática multivariada, com diferentes tipos de *troll* fazendo diferentes coisas em diferentes ambientes. É possível haver trolls que se contentam com ações menores, bem como aqueles que buscam ações maiores (PHILLIPS, 2015, p. 39). Até o ato de hackear um site governamental pode ser uma prática de trollagem, com o hacker colocando uma música no site invadido, por exemplo (SANTINO, 2020). É possível falar até mesmo de uma cultura *troll*, que se desenvolveu principalmente em *chans* como o *4chan*, fórum no qual a *alt-right* também se desenvolveu. Para além dessa proximidade de ambientes, a *alt-right* se beneficia dessa atitude de provocação para fins de satisfação própria (NEWTON, 2017, p. 23), o que guia várias de suas práticas digitais. Para satirizar os militantes de causas progressistas, a *alt-right* já utilizou o meme do *autistic screeching* (BLACKBURN et al., 2018, p. 9), por exemplo, com a figura de um personagem com camisa com símbolo feminista se mostrando insatisfeito com a escolha de uma mulher de permanecer trabalhando em casa, para a família, ao invés de aceitar um emprego (ver Figura 3).

Figura 3 - Exemplo do meme *autistic screeching*, utilizado pela *alt-right*



Fonte: Imgur.³

Figura 4 - Meme do Pepe, the frog vestido de oficial nazista matando judeu com gás



Fonte: Wilson, 2019.⁴

Os memes são uma forma a partir da qual essa atitude provocativa e humorada da *alt-right* se expressa. Embora não haja um consenso sobre o significado do termo (PEREIRA, 2018, p. 19), cabe retomar para sua origem, quando foi proposto por Richard Dawkins em

³ Disponível em: <<https://imgur.com/gallery/438G3/comment/960521289?nc=1>>. Acesso em 10 nov. 2020.

⁴ Disponível em: <<https://medium.com/@ryan.wilson614/the-splintering-of-the-alt-right-and-the-21st-century-culture-war-eb109af7b863>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

1976, fazendo referência à palavra grega “mimema”. O foco dado por Dawkins estava na possibilidade de reprodução de um objeto cultural: “Exemplos de memes são melodias, ideias, frases, roupas, modas, jeitos de se fazer vasilhas” (tradução livre - HAWLEY, 2016, p. 81). Assim como genes se transmitem, memes são transmitidos de cérebro para cérebro, de pessoa para pessoa (HAWLEY, 2016, p. 81).

Essa definição, apesar de ainda ter utilidade para compreender o que são memes atualmente, não consegue lidar com toda a complexidade do que são memes, principalmente quando se discute memes na Internet. Para entender esse tipo de meme, que é utilizado pela *alt-right* como uma tática fundamental (HAWLEY, 2016, p. 81), recorro a Shifman (2013), que propõe entender os memes a partir de dois princípios: unidades com “dimensões meméticas”, isto é, aspectos passíveis de imitação; e memes como elementos de grupos de unidades de conteúdo. Dentro do primeiro princípio, o autor define três dimensões capazes de serem imitadas: conteúdo, forma e postura (SHIFMAN, 2013, p. 39). O conteúdo diz respeito a ideias que o meme carrega; a forma diz respeito a aspectos físicos que percebemos do meme; e a postura diz respeito à postura de quem compartilha o meme em relação a ele (SHIFMAN, 2013, p. 40).

O uso dos memes pela *alt-right* se beneficia daquilo que May e Feldman (2019, p. 26 - em Fielitz et al.) chamam de *lulz*. Os memes são uma ferramenta de humor agressivo e extremo pela *alt-right*. Para suavizar seu significado, geralmente os membros da *alt-right* se justificam dizendo que é “apenas uma piada”. *Lulz* é uma modificação do termo *LOL* (sigla para *laughing out loud*, “rindo em voz alta” em tradução livre). Esse artifício de suavizar um meme falando que é apenas humor foi citado como estratégia por Anglin, que disse que “quando se usa expressões racistas, é preciso se atentar para que soe como meio que uma piada - como uma piada racista que todo mundo ri porque sabe que é verdade” (MAY; FELDMAN, 2019, p. 26)

Como exemplo dessa suavização da linguagem nos memes, Newton (2017, p. 41) faz referência ao meme do “comerciante feliz”. Trata-se de uma figura caricata do que seria um judeu: um comerciante em pose simbolizando ganância, com nariz desproporcional e barba descuidada (ver Figura 5). Outro exemplo de meme que suaviza a mensagem agressiva por ser “apenas uma piada” é a imagem do *Pepe, The Frog* satirizando um judeu, que aparece em um pacote de figurinhas quando se digita o *emoji* da bandeira de Israel no aplicativo Telegram.

Figura 5 - Meme do “mercado feliz”, caricatura de um judeu



Fonte: Newton, 2017, p. 41.

Essa dificuldade para observadores externos de enxergar o que é a realidade e o que é piada abarca outra prática digital fundamental da *alt-right*, a de *media hoax*. Essa prática é descrita como a tática de levar jornalistas a pesquisas sérias de temas falsos, evidenciando a dificuldade da imprensa e dos analistas de separar “a responsabilidade em esclarecer e o desejo de entreter” (DELAURE; DERY; FINK, 2017, p. 50). No caso da *alt-right*, essa prática é feita através de símbolos que passam a ser utilizados internamente como piada, podendo ter até alguma explicação forjada para seu uso. Quando um observador externo se depara com esse símbolo sendo usado pelo grupo, pode acabar confundindo o que é piada e o que é a realidade. No caso dos jornalistas, podem acabar escrevendo reportagens longas e exaustivas tentando achar explicações racionais para o uso do símbolo, assim como evidenciar seu uso por extremistas.

Um exemplo para entender o uso da *media hoax* é o caso da transformação do símbolo “OK” com a mão, representando que está tudo bem, em um “símbolo de ódio” da extrema-direita. A organização em torno do uso do símbolo se deu através do 4chan em fevereiro de 2017, quando iniciaram a “Operação O-KKK” (referência simultânea a “ok” e Ku Klux Klan), com um membro anônimo dizendo que era necessário encher as mídias sociais falando que esse era um novo símbolo do supremacismo branco (SUNG, 2019). Até mesmo hashtags de oposição ao uso do símbolo foram criadas para simular um debate, como “#PowerHandPrivilege” e “NotOkay”. Um dos membros afirmou que “esquerdistas estão tão imersos na sua loucura - e a gente precisa ajudá-los a se afundarem ainda mais, até o resto da sociedade não acreditar mais em merda nenhuma que eles falam” (Idem).

É interessante observar o impacto dessas “pegadinhas” e como levam à desinformação e incompreensão. A foto de um homem dentro de um carro com a mão para fora da janela fazendo o símbolo de “OK” viralizou no Twitter, supostamente com o homem fazendo o

símbolo como forma de provocação a uma manifestação próxima do *Black Lives Matter* na Califórnia. O caso resultou na demissão de Emmanuel Cafferty, homem latino-americano, que depois veio a explicar na imprensa que nem sequer sabia do uso do símbolo por supremacistas e que estava simplesmente estalando os dados por causa do cansaço de dirigir por horas, no fim do expediente (GSTALTER, 2020).

Outro caso de *media hoax* que teve grande impacto foi o uso do símbolo do leite. A campanha pelo símbolo também se deu no 4chan em fevereiro de 2017, em que a suposta justificativa para o uso do leite era uma pesquisa que mostrava que pessoas brancas tinham mais facilidade em digerir o leite do que pessoas de outras etnias. A intenção era projetar o leite como “um novo símbolo do supremacismo branco” (ver Figura 6). Essa *media hoax* resultou em notícias sérias, que não colocaram o uso como uma pegadinha, em jornais importantes como o The New York Times (HARMON, 2018), chegando até mesmo à imprensa brasileira (MONTELEONE, 2020).

Figura 6 - Captura de tela de vídeo de homens bebendo leite contra uma instalação artística contra Donald Trump em 2017



Fonte: Freeman, 2017.

Por fim, é importante se debruçar sobre uma outra prática digital utilizada pela *alt-right* de caráter mais agressivo, o *doxing*. Essa prática pode ser entendida como “a divulgação pública de uma informação sobre a identidade de um indivíduo [...] que estabelece uma ligação verificável entre essa informação e outro tipo (ou tipos) de informação de identidade dessa

pessoa” (DOUGLAS, 2016, p. 202). É uma prática digital de intimidação relevante, já que revela dados sensíveis de uma figura presente digitalmente, mas cujas informações pessoais podem não ser públicas. É a isso que a “ligação verificável entre essa informação e outro tipo de informação de identidade” diz respeito: uma informação confiável capaz de se ligar a uma pessoa, ao dono de um perfil na Internet, por exemplo.

O *doxing* foi bastante usado pela *alt-right* no evento que ficou chamado de GamerGate, em que parte comunidade de jogadores de videogames se mobilizou em 2014 contra o que seria um progressismo identitário no universo *geek* e dos jogos (QUINN, 2017). A mobilização começou após o ex-namorado da desenvolvedora de jogos Zoe Quinn postar fotos dela pelada no 4chan como vingança pelo término do relacionamento, afirmando que ela teria se relacionado sexualmente com jornalistas para que avaliassem positivamente seu jogo (BEZIO, 2018, p. 562). O evento acabou sendo importante no desenvolvimento da *alt-right*, acontecendo em plataformas bastante utilizadas pelo movimento, como o 4chan e o Twitter, e mobilizando temas importantes para o grupo: a crítica às pautas progressistas e às mulheres. No caso, o *doxing* foi utilizado para expor informações pessoais de Quinn e outras mulheres envolvidas no mundo dos jogos, assim como de jornalistas, como forma de intimidação pela Internet.

Também cabe falar sobre a forma como o *doxing* é utilizado para acabar com o anonimato na Internet, sendo uma forma de ataque contra *trolls* (usado até mesmo por *trolls* contra outros *trolls*). A trollagem muitas vezes se baseia no anonimato, com o usuário tendo a confiança de que pode se expressar da forma como quiser no ambiente virtual sem que isso traga consequências reais à sua vida, já que ninguém sabe sua identidade. Entre *trolls*, uma forma de ataque contra novatos na trollagem é justamente o *doxing*, em que é posto um fim a esse anonimato a partir da divulgação das informações pessoais do perfil (BARLETT, 2014, p. 17). A própria *alt-right* passou a ser alvo de *doxing*, para além de utilizadora da prática, diga-se de passagem. A partir do momento em que se liga uma identidade real a um perfil que na Internet divulga memes mostrando judeus sendo mortos, a pessoa que se beneficiava do anonimato se sente irritada (HAWLEY, 2016, p. 166).

Ter em mente a identidade coletiva e o repertório de confronto da *alt-right*, junto com sua história e atores-chaves, é importante para saber de que se trata esse grupo e de como ele se diferencia de outros movimentos da direita. É um grupo de extrema-direita que se caracteriza pela sua identidade e suas práticas, que são principalmente digitais. Embora seja um movimento com uma ideologia difusa, entender como esse movimento se identifica e atua ajuda quando se fala em traçar paralelos entre essa *alt-right* estadunidense e outros grupos de extrema-direita pelo mundo, como o “gabinete do ódio” no Brasil.

4. Metodologia e dados

Para mapear a rede da extrema-direita brasileira focada em desinformação, comumente chamada de “gabinete do ódio”, recorri a documentos da CPMI das Fake News e do Inquérito das Fake News. Esses documentos são embasados por estudos e investigações conduzidos pelo Legislativo e Judiciário sobre essas mobilizações digitais. No total, foram analisados 9 documentos da CPMI e 2 do inquérito. O foco da pesquisa é o Twitter, haja vista a relevância dessa mídia social no debate sobre esse grupo (como atestam as várias menções dos documentos a essa plataforma). Dessa forma, contas citadas que levam a outras mídias sociais não foram listadas.

Os documentos foram baixados e analisados entre 29 de agosto e 2 de setembro de 2020. Assim, documentos que tenham se tornado públicos após essa data ou que tenham surgido com o decorrer das investigações não foram utilizados nesta pesquisa. Os documentos mencionados na tabela a seguir dizem respeito apenas àqueles que continham contas acusadas de envolvimento em esquemas de notícias falsas e crimes digitais. Vários outros documentos foram examinados, mas não listados por não mencionarem diretamente nenhuma conta do tipo (todos os documentos públicos recebidos pela CPMI das Fake News até a data mencionada foram lidos).

No caso da CPMI das Fake News, foi utilizado o site do Senado⁵, que disponibiliza para download os documentos públicos enviados para a CPMI. O único documento não disponibilizado no site mas analisado aqui (que no site foi apenas mencionado mas sem o link para download) foi o da apresentação da deputada Joice Hasselmann, que teve grande impacto nas redes e no andamento da comissão (disponibilizado publicamente no canal do YouTube da Câmara dos Deputados, publicado em 4 de dezembro de 2019⁶).

No caso do STF, diversos documentos foram publicados nas diferentes etapas do inquérito. Para esta pesquisa, considero apenas aqueles que dizem respeito à Operação Fake News, em cuja justificativa o ministro Moraes deixou explícita a associação criminosa dos alvos. Com isso, os documentos dessa operação dizem respeito a contas que, de acordo com os relatórios produzidos pelo STF, pertencem de fato a uma rede de desinformação digital. Para busca dos documentos, foram utilizadas ferramentas de busca e sites especializados em

⁵ Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/comissoes/docsRecCPI?codcol=2292>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ja2ZkkEekLM>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

decisões jurídicas⁷⁸, já que as informações não estão acessíveis da mesma forma que os documentos da CPMI das Fake News.

Apesar dos documentos serem de diferentes tipos e de diferentes origens (STF ou Congresso), trata-se de listas de contas no Twitter de usuários que teriam ligação com um grupo de desinformação digital, feitas após investigações. Essas diferentes listas, detalhadas no Anexo - A, somaram um total de 134 perfis citados. No entanto, muitos dos perfis citados não tinham poucas publicações e movimentação, acusadas de serem contas de robôs. O foco desta pesquisa são figuras que se destacaram nessas investigações sobre o gabinete do ódio, com movimentação e rede de contato grandes, portanto, selecionei apenas os perfis que foram citados mais de 2 vezes no total dos documentos, chegando a uma lista de 13 usuários.

Para classificar as contas como sendo pertencentes ou não à alt-right, sigo a metodologia proposta por Thorburn, Torregrosa e Panizo (2018). Trata-se de uma metodologia relevante porque propõe uma forma de classificar perfis no Twitter seguindo um quadro de classificação claro e bem construído, formado a partir de uma base de dados extremamente rica: cerca de 123 mil tuítes de contas ligadas a um evento extremamente importante para a alt-right, a marcha *Unite the right*, realizada em 2017. É uma metodologia relevante também porque mistura uma análise qualitativa, com a classificação manual dos tuítes lidos, junto a uma análise quantitativa, em que as contas são pontuadas e são classificadas somente a partir de um certo limiar.

Seguindo essa metodologia, não analiso os portais de notícia, já que publicam conteúdo cuja mensagem não necessariamente é igual àquela transmitida por simples tuítes. Também inspirado em Thorburn et al, descartei contas que não estavam disponíveis ou não eram perfis públicos. A única adaptação que fiz foi considerar a tática de usuários bloqueados de criarem outras contas em substituição. A coluna “Conta única” diz respeito a isso: se as citações nos documentos se referiam a apenas 1 conta do usuário, ou a múltiplas contas. Em caso de múltiplas contas ou citações não a perfis específicos, mas a figuras (citar, por exemplo, não @_leitadas_loen, mas falar “O Leitadas”), considere a conta ativa. Esse é o caso do jornalista Allan dos Santos, usuário mais citado nos documentos. Sua conta original, @allantercalivre, foi bloqueada por decisão do STF, no entanto, ele continua a publicar pela conta @allanldsantos, que conta com mais de 225 mil seguidores e foi utilizada para esta análise.

⁷ Disponível em:

<<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=444198&caixaBusca=N>>. Acesso em: 5 dez. 2020

⁸ Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/dl/decisao-alexandre-moraes-twitter.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

A partir dessa segunda filtragem, restaram 9 perfis de influenciadores, que foram analisados. Ver Quadro 2 para visão geral da filtragem de contas, com seleção das que foram citadas mais de 2 vezes e com célula vermelha indicando o motivo pela exclusão da conta da análise.

Quadro 2 - Contas mapeadas a partir dos documentos

Perfil	Frequência	Existe	Perfil público	Conta única	Portal de notícia	Apto
allanldsantos	7	Sim	Sim	Não	Não	Sim
lets_dex	5	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
leandroruschel	4	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
criticanac	4	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
moura_101	3	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
leo_bolsoneas	3	Não	-	-	-	Não
silviogriمالdo	3	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
_brasileirinhos	3	Não	-	-	-	Não
lsentoes1	3	Sim	Sim	Não	Não	Sim
carteiroreaca	3	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
sensoinc	3	Sim	Sim	Sim	Sim	Não

damadefe rroofic	3	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
_leitadas _loen	3	Sim	Sim	Sim	Não	Sim

Fonte: elaboração do autor.

A partir dessa lista, fiz a coleta dos 3200 últimos tuítes de cada conta. A coleta foi feita através da API (*Application Programming Interface*) do Twitter, uma interface da plataforma que retorna dados públicos e que não viola as políticas de privacidade da plataforma. No total, foram coletados 23864 tuítes, que não é um múltiplo de 3200 haja visto que não necessariamente todas as contas tiveram pelo menos 3200 publicações. No entanto, todas as contas tiveram pelo menos 25 publicações, número mínimo para a análise, como propuseram Thorburn, Torregrosa e Panizo.

A partir dessa base, fiz uma seleção aleatória de 50 tuítes de cada perfil, para analisar um total de 450 publicações. Além dos tuítes selecionados, também analisei de cada perfil informações como imagem de perfil, imagem de fundo e descrição. A aleatoriedade na seleção segue a metodologia proposta por Thorburn et al e é justificada porque: é capaz de mostrar diferentes tipos de publicação de uma conta (se pegasse apenas as 50 com mais interações, por exemplo, retuítes não seriam considerados e respostas a usuários não teriam o mesmo destaque, já que essas respostas não são exibidas na página principal do perfil), exibindo quem a conta compartilha e as interações com os usuários; e enfatiza o cotidiano de publicações dos perfis - caso se pegasse as publicações com mais interações, poderia haver um enviesamento no sentido de que os tuítes que mais chamam atenção são os mais radicais, cujo teor não necessariamente é adotado cotidianamente por essas contas. Durante a análise, a aleatoriedade se mostrou satisfatória, retornando publicações diversas, com diferentes graus de engajamento de usuários e revelando informações úteis para a análise.

Para analisar cada publicação, além do conteúdo escrito, levei em conta os materiais aos quais o tuíte se referia através de links. Dessa forma, se um tuíte colocava um link para um podcast, eu escutava o podcast e incluía a análise dele dentro da análise do tuíte. Na maior parte dos casos, os tuítes faziam referências apenas a outros tuítes. No entanto, em casos mais extremos, houve publicação que levou a mais de 12 notícias e mais de 3 horas de podcast. Esse processo se mostrou extremamente importante para conhecer melhor o objeto de estudo.

5. Análise da identidade e do repertório do Gabinete do Ódio

A análise de cada tuíte se deu da seguinte forma: leitura do texto da publicação gerada aleatoriamente; depois, se o tuíte fazia referência a algum outro tuíte, este também era lido (exemplos: tuíte ao qual a publicação selecionada estava respondendo dentro de uma discussão, um fio de tuítes ao qual a mensagem se ligava); e por fim, se algum desses tuítes fazia referência a algum conteúdo diferente de um tuíte, esse conteúdo era visto/lido e analisado (exemplos: vídeos foram vistos, podcasts ouvidos e artigos lidos). Na maioria dos casos, os tuítes faziam referência a apenas uma ou duas outras publicações. Em alguns casos, no entanto, houve tuíte que levou a 3 outros tuítes, 2 podcasts (somando mais de 2h de áudio), 1 vídeo e 14 notícias. Esse aprofundamento em cada tuíte selecionado se mostrou extremamente importante para entender os significados das mensagens e dos símbolos utilizados.

Na análise descritiva, a leitura de cada tuíte resultou em pelo menos duas notas sobre a publicação: uma descrição sobre o tuíte, seu significado e seu ambiente (se estava respondendo algum usuário, retuitando alguma discussão etc.); e uma listagem dos temas abordados na mensagem. A listagem dos temas não pretende ser uma análise de enquadramento das publicações ou algo do tipo - o objetivo é apenas identificar temáticas gerais abordadas nos tuítes. Essas temáticas podem se subdividir em temáticas menores, como é o caso de COVID-19, tema amplo que resultou em temas menores como crítica à vacinação em massa e defesa da cloroquina.

Duas contas se destacaram por proximidade com o conceito de *trolls*, Lets Dex e Leitadas, contas anônimas. São perfis que mostram proximidade entre si, com citações entre si e participação conjunta em vídeos e podcasts. As ligações entre os dois perfis são variadas: participaram juntos de 1 dos 4 episódios de podcast analisados desse grupo; 6 referências de Leitadas a Dex em tuítes e 2 de Dex a Leitadas; e semelhança nas práticas digitais utilizadas, em especial a forma como se utilizam de memes e as discussões que trazem para debate.

Na análise de temas discutidos nos tuítes selecionados, teve destaque o debate sobre COVID-19, com críticas à vacinação em massa e defesa da cloroquina. Cabe destacar, no entanto, as várias publicações do grupo destinadas a atacar figuras da própria direita, com uma variedade de alvos: a ministra Damares Alves por não impedir o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos de investir em ONGs LGBTs; os militares por abandonarem Bolsonaro na primeira crise; e figuras da direita de mobilizações de rua de 2015 como as deputadas Hasselmann e Carla Zambelli, que teriam surfado na onda bolsonarista.

Tabela 1 - Frequência de temas abordados nos tuítes dos dois perfis de *trolls*, entre maio de 2018 e setembro de 2020

Tema abordado	Número de tuítes em que aparece
COVID-19	18
Crítica a políticos de direita	13
Defesa da cloroquina	8
Crítica a autoritarismo	7
Crítica à esquerda	6
Crítica ao STF	5
Crítica ao governo Bolsonaro	4
Discussão sobre tática	4
Crítica à vacinação em massa	4
Crítica a pautas progressistas	4

Fonte: Elaboração do autor.

Entre os vários memes utilizados pelo grupo, um que descreve bem a prática desses perfis é o chamado MDT, o Movimento da Direita Travequeira. Esse “movimento” foi descrito, entre outros lugares, em episódio do podcast “Ninguém se importa podcast” em que Loen e Hiram, duas pessoas com destaque nas mídias sociais, entrevistam Carlos Bolsonaro. O episódio, publicado em 2019, foi removido do ar entre setembro e novembro de 2020, depois da análise descritiva desta pesquisa ter sido feita. O movimento brinca com as siglas de movimentos de esquerda, como MST e MTST, e lança a ideia de um grupo defendido por pessoas que querem um Brasil com “Deus, propriedade, arma e travesti”.

O termo “travequeiro” é uma forma geralmente pejorativa de se referir a pessoas que se relacionam sexualmente com mulheres trans e travestis. Trata-se de uma sátira às críticas que se popularizaram à imagem da “família tradicional brasileira”, que seria composta por um pai, uma mãe, filhos e uma amante, geralmente travesti. Ao invés de tomar com raiva o meme que faz essa caricatura negativa da família tradicional, evidenciando sua hipocrisia, Loen e Hiram ressignificam a própria sátira e a leem com humor, se apropriando dela ao invés de negá-la. Com isso, acaba com a acusação de hipocrisia (já que assume publicamente), assim como

de transfobia, já que supostamente acolhe travestis nessa visão de Brasil. Obviamente, não se trata de um movimento sério ou de uma proposição de fato de um novo lema para o Brasil.

Além desse uso dos memes, com criação de símbolos próprios que se apropriam de críticas a si mesmos, é interessante observar como esse grupo utiliza táticas iguais ou semelhantes àquelas descritas dentro do repertório de confronto da *alt-right* estadunidense. Foi observado o uso de três práticas da *alt-right* em mensagens desse grupo: doxing de figuras anônimas às quais se opõem; *lulz*, com mensagens violentas que brincam com a ambiguidade do significado de memes; e *media hoaxing*, com confusão lançada à imprensa sobre suas identidades e símbolos.

O *doxing* foi observado em mensagem do Lets Dex, que usou a prática contra uma conta anônima que o ironizava, o “Right Dex”. Essa conta estava ligada a uma ideia que circula entre os opositores do Lets Dex de que ele não é de direita de verdade, já que faz críticas ao governo Bolsonaro e a figuras da direita, como militares e influenciadores de direita. Assim, seria nessa conta que se observaria um “Dex” realmente de direita. A partir da mensagem selecionada, cheguei a uma série de publicações e imagens de conversas entre Lets Dex e a conta paródica Right Dex, em que o primeiro se vangloria de ter exposto o segundo.

No início da conversa, Lets Dex reclama sobre o uso da foto do seu perfil alterada pelo Right Dex. A partir de um momento, o segundo pergunta se Lets Dex já conseguiu seu IP, ao que este responde que “consegui até descobrir que você tá (sic) cursando Direito”. Depois, Lets Dex tenta negociar com Right Dex para ele ficar sem usar a foto do perfil por 1 mês para não ser exposto, o que Right Dex se nega a fazer. Por fim, é exibida captura de tela do tuíte do Right Dex falando “fodeu... levei exposed. [...] Tô rindo mas preocupado” (ver Figura 7). Não obtive acesso às mensagens que mostraram o processo de *doxing*, mas pela conversa gerada pelo tuíte selecionado, é possível deduzir que houve divulgação de pelo menos foto e nome de quem estava por trás da conta Right Dex (“o japa novo com cara de véio”, segundo usuário que comentou o tuíte do Lets Dex).

Figura 7- Capturas de tela disponíveis em tuítes do Lets Dex, em que relata prática de *doxing* contra opositor



Fonte: Conta do usuário @LetsDex no Twitter.⁹¹⁰

É interessante observar que o termo utilizado para descrever a prática não foi *doxing*, mas *exposed*. O *exposed* é uma prática em que há divulgação de dados privados, como conversas. Nesse caso específico, como houve menção a informações de documentos (foto, curso que está fazendo, nome completo), é possível enquadrar essa exposição de dados como *doxing*. A prática de exposição, o *exposed* que Lets Dex mencionou, no entanto, apareceu em outras mensagens tanto do Lets Dex quanto do Leitadas, sendo uma prática com certa semelhança ao *doxing*. No caso do Leitadas, o *exposed* aconteceu contra a influenciadora Sara Winter, que divulgou mensagens afirmando que o Leitadas teria dado em cima dela. Após esse *exposed* da própria Winter, Leitadas divulgou outras imagens da conversa e aproveitou para transformar a polêmica em meme, rindo do marido de Winter, que seria “cornô”, compartilhando mensagens de outros maridos revoltados contra ele (ver Figura 8).

Figura 8 - Tuíte de Leitadas falando sobre exposição de mensagens privadas que teve com a influenciadora digital de direita Sara Winter

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/Lets_Dex/status/1295913833027063808>. Acesso em: 18 nov. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/Lets_Dex/status/1295913860906414081>. Acesso em: 18 nov. 2020.



Deixa o Loen te leitar? 
@_Leitadas_Loen

...

Quem mandou dar exposed em mensagem achando que ia pagar de gostosa com a situação e piorando tudo com uma live com um desequilibrado? Na real eu só tava zuando pra nao ter que dizer "Óbvio que não vou te chamar no zap pq ainda não to doído da cabeça" e quis fazer uma piadinha [twitter.com/SaraWinter_/st...](https://twitter.com/SaraWinter_/status/1293008034487312386)

Este Tweet não está disponível.

11:15 PM · 10 de ago de 2020 · Twitter Web App

92 Retweets 3 Tweets de comentário 1,1 mil Curtidas

Fonte: Conta do usuário @_Leitadas_Loen no Twitter¹¹

As outras duas práticas observadas foram vistas em podcasts mencionados em tuítes selecionados. O uso de *lulz*, um meme com caráter violento que se aproveita da ambiguidade sobre o que é real ou não em uma fala de humor, aparece em vários momentos em podcasts mencionados por Lets Dex e Loen, mas um caso específico chama a atenção pela imagem violenta proposta. Em um episódio do podcast “Ninguém se importa podcast”, publicado em março de 2019 e já apagado do canal oficial¹², com a presença de Loen e dos influenciadores de direita Hiram e Gugu Faraó, e mencionado por Leitadas, Faraó comenta que “baianos e cariocas precisam ser enfileirados e fuzilados [...] como faziam na revolução leninista”, sendo preciso criar um muro para separar a Bahia e o Rio de Janeiro do resto do Brasil. A fala é recebida com risadas e expressões de concordância dos outros participantes, e se enquadra em *lulz* justamente por brincar na fronteira sobre o que é uma opinião real ou não aí - eles acreditam realmente na necessidade de fuzilar cariocas e baianos? Difícil saber - com a graça do meme estando justamente nessa dúvida que fica, além da expressão de xenofobia.

Os casos de *media hoaxing*, por sua vez, são usos menos evidentes da prática descrita do que o *doxing* e *lulz*, já que não há intencionalidade explícita na confusão criada pelos perfis ao redor de algum evento.

¹¹ Disponível em: <https://twitter.com/_Leitadas_Loen/status/1293008034487312386>. Acesso em: 18 nov. 2020.

¹² Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/15uporuumebcmiz/ninguem%20se%20importa.mp3?dl=0>> . Acesso em: 5 dez. 2020.

Um dos casos é descrito no podcast “Loen Talks #18” (LOEN, 2020), em que estão presentes Loen, Leitadas, Kim Paim e “O Editor” (voz anônima que cuida das questões técnicas do podcast e também faz análises políticas) e que foi mencionado em tuíte de Lets Dex. A imagem de Loen, um publicitário de São Paulo envolvido desde pelo menos 2014 na criação de memes de direita, foi apropriada, sendo utilizada por contas cujos donos são desconhecidos. Leitadas, perfil selecionado nesta pesquisa com base nos documentos, é uma conta que se utiliza da imagem e do nome de Loen (o nome do perfil é “Loen Leitadas”), usando também meme com a figura de Loen (“Deixa o Loen te leitar?”). No entanto, no podcast é facilmente distinguível a voz de Loen e de Leitadas. E não somente isso: ao comentar acusações e notícias sobre Leitadas, Loen ri da ignorância e superficialidade de quem não sabe nem ao menos que os 2 não são a mesma pessoa. Em especial, Loen critica o deputado Alexandre Frota, que teria associado Loen à conta Loen Leitadas como se fossem a mesma pessoa - espalhando, assim, notícias falsas justamente na CPMI dedicada a combater esse fenômeno.

O outro caso é a figura do leite utilizada por Leitadas, que tem conotação sexual e simbolismo próprio dentro desse grupo da direita brasileira, mas que acaba sendo confundido com o *media hoaxing* do leite da *alt-right* estadunidense, supostamente um símbolo do supremacismo branco. Esses dois casos, no entanto, carecem do caráter intencional do *media hoaxing*, embora acabem gerando confusão e desinformação no debate público, os quais eles recebem com humor (vide Loen fazendo piada com a confusão entre si e o Leitadas). O primeiro caso, no entanto, chama mais a atenção, já que um olhar superficial sobre as 2 contas realmente tende a cair no pensamento de que são a mesma pessoa, visto que utilizam a mesma foto e nome, assim como muitas vezes interagem com as mesmas pessoas.

Para resumir, estes dois perfis se destacaram durante a análise por duas razões principais: distanciamento dos grupos de direita descritos de 2015, com não apenas mudança no ideário e nas práticas (que passam a ser principalmente digitais e com destaque para o anonimato), como também passa a haver aversão a essa direita de 2015 e a outras figuras desse espectro que estavam se destacando; e uso de práticas digitais semelhantes ou idênticas às descritas no repertório de confronto da *alt-right*.

Outro conjunto de perfis que chamou atenção foi o que é composto por jornalistas e analistas políticos: Allan dos Santos, Silvio Grimaldo e Leandro Ruschel. O que gerou o agrupamento dessas contas foi principalmente o tipo de publicação veiculada (matérias de jornais, colunas, tuítes com análises políticas), que seguiu temáticas semelhantes. Diferente do grupo dos *trolls*, a crítica a figuras da direita e ao governo Bolsonaro foi feita poucas vezes. A

figura central de oposição do grupo foi a oposição ao governo Bolsonaro, incluindo aí a esquerda e o PT.

Tabela 2 - Frequência de temas abordados nos tuítes de perfis de jornalistas e analistas políticos

Tema abordado	Número de tuítes em que aparece
Política internacional	25
COVID-19	21
Política americana	19
Crítica à imprensa	18
Crítica à esquerda	17
Crítica ao STF	17
Crítica a iniciativas de combate às <i>fake news</i>	11
Crítica à perseguição sofrida pela direita	11
Crítica à censura	11
Defesa do governo Bolsonaro	10

Fonte: Elaboração do autor.

A discussão política girou ao redor da defesa do presidente Bolsonaro e de aliados, como Donald Trump. Em 19 tuítes desse grupo, a política estadunidense esteve em pauta, principalmente por causa das eleições e dos protestos com temática racial após o assassinato de George Floyd. A própria discussão sobre COVID-19, que foi tema de 21 publicações, trouxe argumentos que fizeram referência a argumentos levantados por Bolsonaro e Trump, como a defesa da cloroquina e a crítica à China por não ter conseguido controlar o vírus. O uso de memes não foi uma prática central para esse grupo, que focou em publicações de tom sério, sem se utilizar da ambiguidade das críticas pautadas no humor e na ironia, como o uso do *lulz* pelos *trolls*.

Dessa forma, são perfis que, pelos tuítes analisados, não trazem práticas ou discursos excepcionalmente novos em relação ao que vem sendo discutido sobre a direita brasileira, com grande afastamento das práticas descritas da *alt-right*. A crítica à própria direita mal aparece

no debate e o uso de memes dá espaço para discussões pautadas em análises sérias sobre a política.

As outras contas analisadas não exibem ligações tão fortes entre si e também, nos tuítes analisados, não se destacaram pelo uso particular de novas práticas digitais. É o caso das contas Dama de Ferro (damadeferroofic), Isentões (Isentoes1), Nando Moura (moura_101) e Gil Diniz (carteiroreaca). Essas duas primeiras contas não são perfis claramente associados a uma pessoa com identidade pública, se utilizando de nome e foto de perfil fictícios. A Dama de Ferro, no entanto, apesar de usar uma foto de Margareth Thatcher no perfil, junto ao apelido associado a ela, afirma que não esconde sua identidade, inclusive criticando a prática de anonimato por perfis no Twitter.

Nando Moura se destaca quanto às divergências ideológicas por ter se tornado um opositor público do governo Bolsonaro após anos de apoio, principalmente através do seu canal no YouTube. Essa oposição a Bolsonaro prevaleceu nos temas identificados em suas publicações, com ênfase nas críticas à gestão do governo da crise do COVID-19. Gil Diniz, por sua vez, tem popularidade nas mídias sociais desde os protestos de 2015, conhecido como “o carteiro reça”, apelido com o qual ficou conhecido nos Correios, empresa pública. Diniz ocupa o cargo de deputado estadual por São Paulo, e suas publicações focam nas discussões regionais, com muitas críticas à gestão de João Doria em São Paulo.

A análise das publicações dessas contas não identificou nenhuma prática distante das descritas nos estudos sobre a direita brasileira na Internet. Todas se utilizam de memes ocasionalmente para criticar opositores, mas usam linguagem menos provocadora que os memes vistos no grupo dos *trolls*, sem nenhuma publicação se aproveitando da ambiguidade do *lulz* para passar mensagens violentas. Práticas como *doxing* e *media hoaxing* também não foram identificadas.

5.1 Proximidade dos discursos das contas analisadas com a *alt-right* estadunidense

Após a análise descritiva das contas, parto para a codificação das publicações, seguindo o quadro analítico proposto por Thorburn, Torregrosa e Panizo. A classificação de perfis no Twitter proposta pelos autores permite identificar contas explicitamente associadas à *alt-right*. A classificação é feita a partir de pontuações: cada perfil que tenha alguma publicação que se enquadre em alguma categoria do quadro de codificação é pontuado de uma forma; ao fim, é somada a pontuação por perfil e se esta resultar acima de 5, a conta é classificada como associada à *alt-right*.

Para realizar essa classificação, analisei cada tuíte da base uma segunda vez, identificando a presença das categorias propostas por Thorburn, Torregrosa e Panizo (2018) no conteúdo da publicação (ver quadro 3).

Quadro 3 - Estratégia de classificação de perfis da alt-right no Twitter proposta por Thorburn et al (2018)

Grupo	Categoria	Pontuação
Indicadores tradicionais da alt-right/extrema direita	Sentimento expresso contra imigrantes	1
	Visões explicitamente racistas	
	Menção de discriminação contra pessoas brancas	
	Ideias misóginas/anti feministas	
	Meme contendo “Pepe, the frog”	
	Apoio a líderes da <i>alt-right</i>	
	Indicadores exclusivamente associados à <i>alt-right</i> /extrema direita	Expressões pró-nazistas/fascistas
Apoio a ações violentas/terrorismo/revanchismo		
Uso de linguagem comumente usada por membros da <i>alt-right</i>		

Explicitamente se identifica como parte um movimento supremacista	Uso de hashtags ligadas ao supremacismo branco	3
	Menção a um genocídio branco	

Fonte: Thorburn, Torregrosa e Panizo (2018).

Quanto às deficiências do quadro proposto, em primeiro lugar, existem categorias de análise de conteúdo cujo significado não é exatamente claro. A categoria “Sentimento expresso contra imigrantes”, por exemplo, não deixa explícito as fronteiras do que pretende classificar, não permitindo saber se xenofobia interna se enquadra aqui. Essa falta de clareza não me permitiu classificar uma fala de um podcast com a participação de Dex, em que um dos participantes afirma que “baianos deveriam ser colocados em fileira e fuzilados”, como pertencente a nenhuma dessas duas categorias. No entanto, é válido pensar que essas categorias de fato não são flexíveis e que a *alt-right* americana deixa explícitos esses sentimentos em suas publicações.

Outra questão importante aqui é o desapego dos perfis analisados com a associação com a *alt-right*. Nenhuma das contas se declara de *alt-right* e a maior parte das citações a figuras da Internet que fazem dizem respeito a contas brasileiras, que também não se declaram como de *alt-right*. Isso praticamente descartou a possibilidade do uso da categoria “Apoio a líderes de *alt-right*”, que em termos práticos só seria aplicada caso alguma conta citasse uma figura da *alt-right* americana e a apoiasse.

Os perfis, inclusive, tentam se distanciar publicamente de qualquer associação com a *alt-right* ou setores da direita internacional. Além de ironias sobre a associação para além dos tuítes aleatórios escolhidos, destaco tuíte de Dex falando sobre a prisão de Steve Bannon, ironizando que estão com “operações comprometidas” - em referência a um suposto esquema envolvendo Dex e direita internacional, articulada por Bannon.

Figura 9 - Tuíte de Lets_Dex ironizando associação com Steve Bannon no dia da sua prisão



Let's Dex
@Lets_Dex



Ok, prenderam o Steve Bannon.

Protocolo Vassoura Azul sendo ativado. Repito: isso não é uma simulação. Operações comprometidas.

Iniciar procedimentos. Alerta geral.

3:31 PM · 20 de ago de 2020 · Twitter for Android

Fonte: Conta do usuário @Lets_Dex no Twitter.¹³

Outra questão muito importante é o cuidado para não confundir símbolos próprios desses setores com símbolos da *alt-right* ou de outras direitas fora do Brasil. Essa confusão não necessariamente é proposital, mas não é mal vista por parte dos perfis analisados, principalmente àqueles ligados a memes, que acham graça quando veem essa confusão.

O caso emblemático disso é o símbolo do leite. Esse é um símbolo tradicional da *alt-right* americana. É uma *media hoax* em que o uso seria supostamente justificado por uma pesquisa que mostrou que pessoas brancas têm maior facilidade para digerir lactose. Assim, seria um dos símbolos da superioridade dos brancos sobre outras etnias. Entre os perfis analisados, um que se destacou foi o Leitadas, que também utiliza o símbolo do leite. Em uma análise rápida e sem aprofundamento, poderia facilmente chegar à conclusão de que “Como Leitadas é de extrema direita e *alt-right* é de extrema direita, e um usa o símbolo do leite, assim como o outro, os 2 usam o símbolo da mesma forma e estão, dessa forma, ligados”.

Esse tipo de raciocínio aqui faria com que Leitadas fosse classificado dentro da categoria “Uso de linguagem comumente usada por membros da *alt-right*” por exemplo, rendendo mais 2 pontos para o perfil. No entanto, seria uma associação errônea. O uso do leite por Leitadas faz referência a sexo, e não a supremacismo branco. “Leitadas” faz referência ao esperma e à expressão humorística “Deixa o Loen te leitar?”.

Isso traz outro ponto sobre a metodologia de Thorburn, Torregrosa e Panizo (2018): a ausência de categoria que diga respeito ao uso de táticas digitais associadas à *alt-right* e à extrema-direita. A confusão com o leite, assim como outras observadas nos perfis com foco

¹³ Disponível em: <https://twitter.com/Lets_Dex/status/1296515191203434496>. Acesso em: 11 nov. 2020.

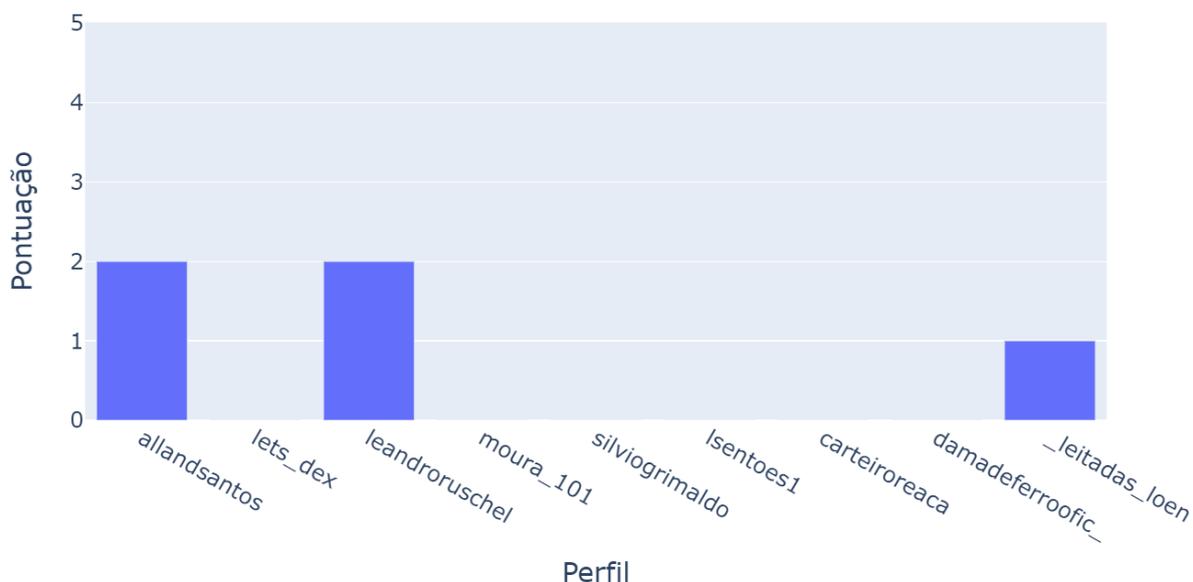
em humor analisados, não foi proposital, mas foi bem vista, já que mostrava, para os seguidores, como a oposição era incapaz de enxergar a verdade e propagava notícias e associações falsas. A confusão entre Loen e Leitadas, que rendeu várias risadas no podcast, também entra aqui: como a oposição quer acusá-los de disseminar notícias falsas se eles não têm conhecimento nem do básico, isto é, que o Leitadas e o Loen não são a mesma pessoa?

Como abordado no início desta pesquisa, essas confusões lançadas podem ser lidas como uso da tática de *media hoax*, que é utilizada pela *alt-right* americana. E isso levanta mais um ponto sobre a metodologia de Thorburn, Torregrosa e Panizo (2018): a ausência de uma categoria dedicada a pontuar o uso de táticas digitais comumente associadas à *alt-right*. Embora algumas categorias abarquem algumas táticas, como “Uso de hashtags ligadas ao supremacismo branco”, elas não são suficientes para enquadrar todas essas táticas, como fica claro pelo exemplo de *media hoax*.

Por fim, destaco a questão de categorias excessivamente detalhistas. Isso ocorre nas categorias “Ideias misóginas/anti-feministas” e “Meme contendo ‘pepe the frog’”. A primeira categoria foca na questão do anti-feminismo, que de fato compõe a agenda da *alt-right*. No entanto, como a bibliografia sobre o tema mostra, a *alt-right* foca contra pautas progressistas em geral, abarcando aqui temas como representatividade, que não se encaixa como uma ideia exclusivamente feminista, mas ligada às pautas progressistas em geral.

Essa segunda categoria é extremamente fixa no tempo. À época em que o artigo da metodologia foi publicado, em 2018, o meme do Pepe de fato estava extremamente popular e associado à *alt-right*, no entanto, a identidade de um grupo é mutável e seus símbolos tendem a mudar com o tempo. Não só isso, mas o próprio uso de um meme muda, podendo passar de um grupo específico para outro. Logo, faz mais sentido dedicar uma categoria a identificar memes associados à *alt-right* do que um meme específico.

Gráfico 1 - Soma da pontuação de cada perfil analisado com base nas categorias propostas por Thorburn, Torregrosa e Panizo (2018)



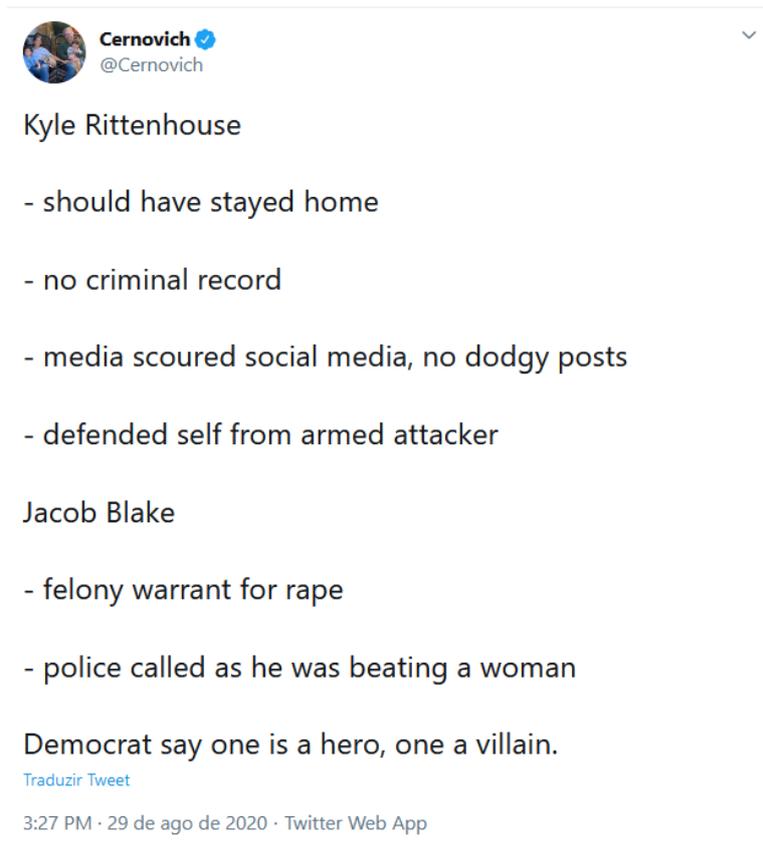
Fonte: elaboração do autor.

Na análise dos perfis, apenas duas categorias foram encontradas: “Apoio a ações violentas/terrorismo/revanchismo” e “Ideias misóginas/anti feministas”. No gráfico, é possível perceber a distância dos perfis que alcançaram alguma pontuação (apenas 3 dos 9 analisados) do limiar a partir de onde poderíamos dizer que essas contas têm associação explícita com a *alt-right*, que é o mínimo de 6 pontos.

O apoio a terrorismo foi observado nas contas de Allan dos Santos e Leandro Ruschel, que declaram apoio ao atirador Kyle Rittenhouse, que matou dois manifestantes em protesto do *Black Lives Matter* nos EUA em agosto de 2020. Já a publicação com ideias misóginas foi um tuíte que Leitadas compartilhou, onde se chamava ironicamente as mulheres de “depósito de esperma”.

Tanto o tuíte de Allan dos Santos quanto o de Leitadas são compartilhamentos e não mensagens escritas pelos próprios perfis. Nesses casos, graças à análise de outros tuítes, foi possível chegar à conclusão de que os perfis analisados concordavam com a mensagem compartilhada. No caso do Allan dos Santos, por exemplo, foram vistos outros 3 tuítes criticando protestos do *Black Lives Matter* nos EUA.

Figura 10 - Tuíte compartilhado por Allan dos Santos em defesa do atirador Kyle Rittenhouse, classificado como apoio a ações violentas/terrorismo/revanchismo



Fonte: Conta do usuário @Cernovich no Twitter.¹⁴

Figura 11 - Tuíte compartilhado por Leitadas, em que se cita mulher como “deposito de esperma (sic)”, classificado como ideia misógina/anti-feminista

¹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/Cernovich/status/1299775791668932608>>. Acesso em: 13 nov. 2020.



o pior dos pecadores (∞)
@alfapobre



"#nofapseptember? deixa eu postar uma foto seminua aqui kkkk"

isso

mostre q vc é apenas um objeto sexual e q seu corpo é um deposito de esperma

exprima mais sua insegurança e falta de amor proprio atraves de fotos sensuais pra tentar suprir a carencia e vazio q existe em vc

5:41 PM · 1 de set de 2020 · Twitter for Android

Fonte: Conta do usuário @alfapobre no Twitter.¹⁵

A partir das considerações críticas à metodologia de Thorburn, Torregrosa e Panizo (2018), proponho 3 modificações no quadro de classificação de perfis: a mudança da categoria “Ideias misóginas/anti feministas” para “Crítica explícita a pautas progressistas”, já que pela revisão da literatura não há nada que justifique a ênfase na oposição ao feminismo em detrimento de outras pautas progressistas; a mudança de “Meme contendo ‘Pepe, the frog’” para “Meme associado à *alt-right*”, haja visto que os movimentos sociais tendem a transformar seus símbolos, não ficando restritos para sempre a um único; e a criação da categoria “Uso de tática digital comumente associada à *alt-right*”. A crítica explícita a pautas progressistas abarca comentários negativos sobre pautas como direitos LGBTQs, questão racial e feminismo. Já a categoria de meme associado à *alt-right* abarca o uso de memes que tenham sido descritos como de uso recorrente entre a *alt-right*, como a própria figura do Pepe.

Essa nova categoria, que dá ênfase às táticas digitais descritas na bibliografia sobre a *alt-right*, é extremamente importante, já que mostra um alinhamento do perfil com parte dos repertórios de confronto do grupo. Graças à sua importância na análise, enquadro essa categoria no segundo grupo do quadro, “Indicadores exclusivamente associados à *alt-right*/extrema direita”, resultando em mais 2 pontos nos perfis que se enquadram aqui.

¹⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/alfapobre/status/1300896495978401799>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

Quadro 4 - Quadro de classificação de perfis modificado

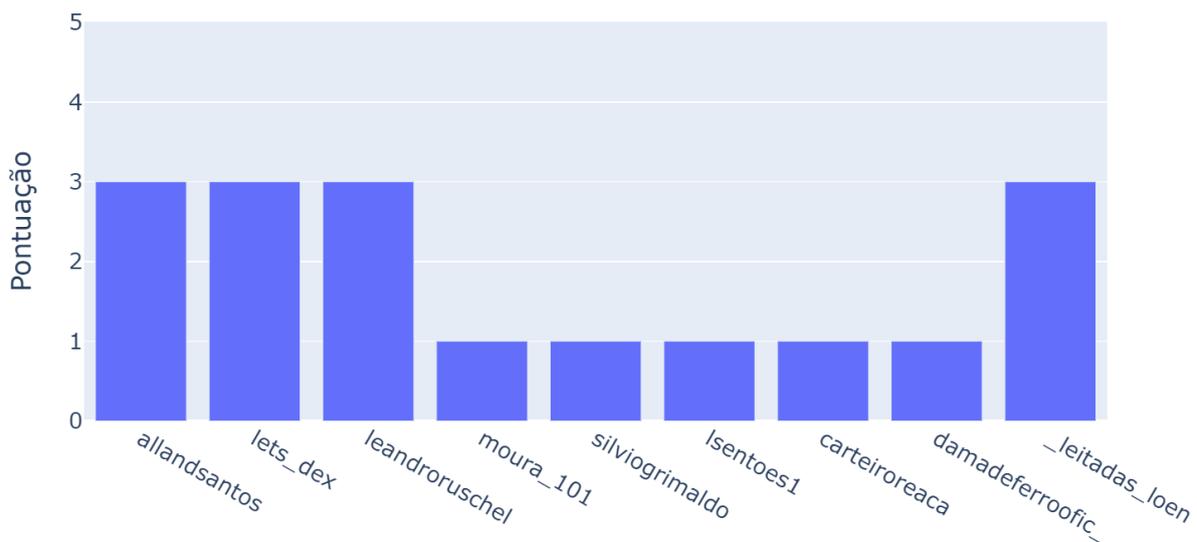
Grupo	Categoria	Categoria original	Pontuação
Indicadores tradicionais da alt-right/extrema direita	Sentimento expresso contra imigrantes		1
	Visões explicitamente racistas		
	Menção de discriminação contra pessoas brancas		
	Crítica explícita a pautas progressistas	Ideias misóginas/anti feministas	
	Meme associado à <i>alt-right</i>	Meme contendo “Pepe, the frog”	
	Apoio a líderes da <i>alt-right</i>		
Indicadores exclusivamente associados à <i>alt-right</i> /extrema direita	Expressões pró-nazistas/fascistas		2
	Apoio a ações violentas/terrorismo/revanchismo		
	Uso de linguagem comumente usada por membros da <i>alt-right</i>		

	Uso de tática digital comumente associado à <i>alt-right</i>	(Não existia.)	
Explicitamente se identifica como parte um movimento supremacista	Uso de hashtags ligadas ao supremacismo branco		3
	Menção a um genocídio branco		

Fonte: elaboração do autor.

A mudança no quadro de classificação com base na literatura sobre a *alt-right* resolve a maior parte dos problemas que enfrentei na análise dos perfis. Na primeira classificação com base no quadro, nenhum perfil alcançou a marca de mais de 5 pontos, que resulta na identificação da conta como alinhada com a *alt-right*. Os 2 únicos perfis que obtiveram mais de 1 ponto, Allan dos Santos e Leandro Ruschel, não se mostraram nem sequer próximos à *alt-right* na análise descritiva, tratando-se de contas com foco no viés jornalístico, com divulgação de notícias e análises políticas. Pelas limitações do quadro original de X, no entanto, tuítes sobre manifestações nos EUA renderam pontuação relativamente alta para esses perfis - ignorando outras contas que na análise descritiva se destacaram por suas práticas digitais.

Gráfico 2 - Soma da pontuação de cada perfil analisado com base nas categorias propostas por Thorburn, Torregrosa e Panizo (2018) e reformuladas pelo autor



Fonte: elaboração do autor.

Com a nova classificação, nenhuma conta consegue passar os 5 pontos ainda. Apesar disso, a pontuação máxima cresceu, indo de 2 para 3 pontos, com 4 perfis se destacando. Essa mudança se deu principalmente devido às categorias “Uso de tática digital comumente associada à *alt-right*” e “Crítica explícita a pautas progressistas”. Os 2 novos perfis em destaque são Lets Dex e Leitadas, justamente aqueles que se destacaram na análise descritiva das contas.

Leitadas se enquadrou na categoria de tática digital associada à *alt-right* graças ao *media hoaxing* envolvendo seu perfil, que se confunde com o do influenciador Loen, já que utiliza o nome e a foto deste último, como já mencionado na análise descritiva. Lets Dex, por sua vez, também se enquadrou aqui devido ao uso do *doxing* contra opositor, também já descrito. Para classificação nessas categorias, considere apenas mensagens que se enquadram de forma clara nessas práticas, deixando de lado práticas próximas mas não necessariamente idênticas, como o *exposed* relatado por Leitadas, por exemplo (que não se enquadra em *doxing* por não expor informações de documentos pessoais).

No entanto, cabe dizer que a categoria “Crítica explícita a pautas progressistas”, assim como “Ideias misóginas/anti feministas”, ainda parece deslocada na análise: todos os perfis pontuaram aqui. Como são todos perfis à direita no espectro político, a simples presença dessas ideias nos tuítes torna essa uma categoria ampla demais, tornando-se inútil por isso. Embora resulte em apenas 1 ponto a mais, em uma outra formulação desse quadro cabe repensar o papel dessa categoria e uma forma de torná-la mais específica ao comportamento da *alt-right*, indo além de “ideias” ou “crítica explícita”.

6. Considerações finais

A direita brasileira vem se diversificando em ideologia e práticas, distanciando-se da unidade descrita na bibliografia de 2015, quando diferentes grupos se juntaram pelo *impeachment* de Dilma Rousseff (MESSENERG, 2017). Essa diferenciação é natural considerando-se o amadurecimento desses grupos, que ficaram por décadas apagados quando se leva em conta grandes mobilizações e aparição no debate público. Esse caminho pode ou não seguir fenômenos observados em movimentos sociais de direita de outros países, haja visto a transnacionalização das direitas (BOB, 2012).

O grupo analisado nesta pesquisa é um setor da direita brasileira com foco nas práticas digitais, e identificado na discussão pública como um grupo que mobiliza as mídias sociais ao redor da desinformação digital através de perseguição, de criação de notícias falsas e de distorção do debate político na Internet. A análise descritiva desta pesquisa permitiu identificar que esse grupo de fato utiliza práticas digitais e tem ideologias distintas das descritas da direita de 2015. Como entender esse grupo, no entanto, continua sendo um desafio, e recorrer a fenômenos descritos fora do Brasil pode ajudar a entender seu funcionamento, mas não soluciona todas as questões sobre quem eles são, como se organizam e o que pensam.

Esse próprio setor da extrema direita brasileira não é uniforme, se dividindo em grupos com práticas digitais diferentes e muitas vezes com disputas entre si. O caso mais interessante analisado e descrito nesta pesquisa foi o do grupo de humor, de *trolls*, para o qual a comparação com a *alt-right* estadunidense foi relevante, principalmente para conseguir entender práticas digitais que esses perfis utilizam. Apesar disso, a metodologia utilizada não permite enquadrá-los como membros de uma *alt-right* brasileira, uma versão brasileira desse movimento estadunidense. Assim, mesmo que trazer a discussão internacional para entender a direita brasileira possa enriquecer a análise sobre a direita brasileira, é preciso se atentar para não importar conceitos sem se questionar se esses conceitos de fato se encaixam perfeitamente à realidade brasileira.

Esta pesquisa tentou contribuir com o debate sobre as diferentes direitas brasileiras e seu desenvolvimento, em especial no âmbito digital. Questões permanecem em aberto, em especial sobre esse grupo descrito de influenciadores *trolls*, com foco em práticas digitais. O uso de práticas inovadoras por esses perfis, assim como sua capacidade de mobilização e de desinformação, merece um estudo mais aprofundado e específico.

Referências bibliográficas

- BARLETT, Jamie. **The Dark Net**: inside the digital underworld. Melville House. 2014.
- BEZIO, Kristin MS. Ctr-Alt-Del: GamerGate as a precursor to the rise of the alt-right. **Leadership**, v. 14, n. 5, out. 2018.
- BITTAR, Bernardo. Eduardo Bolsonaro é líder de milícia digital, diz Joice Hasselmann. **Correio Braziliense**, 4 dez. 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/12/04/interna_politica,811543/eduardo-bolsonaro-e-lider-de-milicia-digital-diz-joyce-hasselmann.shtml>. Acesso em: 5 dez. 2020.
- BOB, Clifford. **The Global Right Wing and the Clash of World Politics**. New York: Cambridge University Press, 2012.
- CAIANI, Manuela; KRÖLL, Patricia. Nationalism and populism in radical right discourses in Italy and Germany. **Journal of the European Institute for Communication and Culture**, v. 24, n. 4, jul. 2017.
- CHAGAS-BASTOS, Fabrício H.. Political Realignment in Brazil: Jair Bolsonaro and the Right Turn. **rev.estud.soc.**, Bogotá, n. 69, p. 92-100, jul. 2019.
- COELHO, Gabriela. Alexandre de Moraes vê indícios de associação criminosa em atos antidemocráticos. **CNN Brasil**, 22 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/06/22/alexandre-de-moraes-ve-indicios-de-associacao-criminosa-em-atos-antidemocraticos>>. Acesso em: 5 dez. 2020.
- CPMI das Fake News é instalada no Congresso. **Senado Notícias**, 4 set. 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/09/04/cpmi-das-fake-news-e-instalada-no-congresso>>. Acesso em: 7 nov. 2020.
- D'AGOSTINO, Rosanne; OLIVEIRA, Mariana. Toffoli abre inquérito para apurar 'notícias fraudulentas', ofensas e ameaças a ministros do STF. **G1**, 14 mar. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/14/toffoli-anuncia-inquerito-para-apurar-noticias-fraudulentas-que-ofendam-a-honra-do-stf.ghtml>>. Acesso em: 7 nov. 2020.
- DAL BOSCO, Jacqueline Kneipp. **O uso de mídias táticas e hacktivismo pelo movimento contemporâneo alt-right**. Monografia (Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

DELAURE, Marilyn; DERY, Mark; FINK, Moritz (Org.). **Culture Jamming: Activism and the Art of Cultural Resistance**. Nova York: NYU Press, 2017.

DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. "Collective Action and Identity", em: **Social Movements: An Introduction**, Oxford, Blackwell, 89-113. 1991.

DIAS, Tayrine dos Santos. "**É uma batalha de narrativas**": os enquadramentos de ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DOUGLAS, David M. Doxing: a conceptual analysis. *Ethics and Information Technology*, v. 18, n. 3, 28 jun. 2016.

FERREIRA, Paulo. Alexandre de Moraes determina bloqueio de perfis bolsonaristas no Twitter a nível internacional. **O Globo**, 30 jun. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/alexandre-de-moraes-determina-bloqueio-de-perfis-bolsonaristas-no-twitter-nivel-internacional-24559707>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

FOMINAYA, Cristina Flesher. Collective Identity in Social Movements: Central Concepts and Debates. **Sociology Compass**. 2010, pp. 393-404.

FREEMAN, Andrea. Milk, a symbol of neo-Nazi hate. **The Conversation**, 30 ago. 2017. Disponível em: <<https://theconversation.com/milk-a-symbol-of-neo-nazi-hate-83292>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

GAMSON, William A. 1991. "Commitment and Agency in Social Movements", **Sociological Forum**, Vol. 6, No. 1, 27-50.

GSTALTER, Morgan. California man fired over alleged white power sign says he was cracking his knuckles. **The Hill**, 16 jun. 2020. Disponível em: <<https://thehill.com/blogs/blog-briefing-room/news/502975-california-man-fired-over-alleged-white-power-sign-says-he-was>>. Acesso em: 1 nov. 2020.

HARDAKER, Claire. Trolling in asynchronous computer-mediated communication: From user discussions to academic definitions. **Journal of Politeness Research**, v. 6, n. 2, jul. 2010.

HARMON, Amy. Why White Supremacists Are Chugging Milk (and Why Geneticists Are Alarmed). **The New York Times**, 17 out. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/10/17/us/white-supremacists-science-dna.html>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

HAWLEY, George. **Making Sense of the Alt-Right**. 1a. ed. Columbia: Columbia University Press, 2016.

LOEN Talks #18 - Kim Paim, D.R. com a Dex, jornada do herói, Bolsonaro jogando a médio prazo e os sacrifícios ao Deus STF. **Loen Talks**, 26 jul. 2020. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/311VK9qumxZ5TUttZKWMm3>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MACKLIN, Graham. Transnational Networking on the Far Right: The Case of Britain and Germany. **West European Politics**, v. 36, n. 1, jan. 2013.

MAY, Rob; FELDMAN, Mathew. Understanding the Alt-Right: Ideologues, ‘Lulz’ and Hiding in Plain Sight. In FIELITZ, Maik; THURSTON, Nick (Org.) **Post-Digital Cultures of the Far Right**. Bielefeld: transcript, 2019.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. Marchando com a família, com Deus e pela liberdade: o "13 de Março" das direitas. **Varia hist.**, Belo Horizonte , v. 21, n. 33, p. 234-249, 2005.

MEIRELES, Maurício. **O que é vaporwave, a estética criada na música eletrônica e apropriada pela nova direita**. Folha de S. Paulo. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/o-que-e-vaporwave-a-estetica-criada-na-musica-eletronica-e-apropriada-pela-nova-direita.shtml>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

MELUCCI, Alberto. **The process of collective identity**. Social movements and culture. Minneapolis: University of Minnesota, 1995.

MERRIN, William. President Troll: Trump, 4Chan and Memetic Warfare. In HAPPER, Catherine; HOSKINS, Andrew; MERRIN, William (Org.) **Trump’s Media War**. Palgrave Macmillan, 2019.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Soc. estado**. 2017, vol.32, n.3, pp. 621-648.

MONTELEONE, Joana. Leite, racismo e neonazismo. **Brasil de Fato**, 12 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/12/leite-racismo-e-neonazismo>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

NEWTON, Eleanor Kate. **What’s So Alternative About The ‘Alt-Right’?** Dissertação (Mestrado em Politics) – Lancaster University. Lancashire, 2017.

NINGUEM se importa. **Ninguém se importa podcast**, 2019. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/15uporuumebcmiz/ninguem%20se%20importa.mp3?dl=0>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

LYONS, Matthews. Ctr-Alt-Del: The origins and ideology of the Alternative Right. **Political Research Associates**. Disponível em: <<https://www.politicalresearch.org/2017/01/20/ctrl-alt-delete-report-on-the-alternative-right>>. Acesso em 15 mar. 2020.

PEREIRA, Matheus Baccarin. **#EleiçãoSemLulaÉFraude x #MoluscoNaCadeia**: memes no julgamento do Lula e o confronto de enquadramentos por meio do humor. Monografia (Curso de Ciência Política) - Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

PHILLIPS, Whitney. **This is why we can't have nice things**: Mapping the relationship between online trolling and mainstream culture. The MIT Press. 2010.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan. 2017.

SARTORI, Caio. Manifestantes pedem impeachment do ministro Gilmar Mendes, no Rio. **UOL**, 17 nov. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/11/17/manifestantes-pedem-impeachment-do-ministro-gilmar-mendes-no-rio.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

SEVERO, Ricardo Gonçalves; GONÇALVES, Suzane da Rocha Vieira; ESTRADA, Rodrigo Duque. A Rede de Difusão do Movimento Escola Sem Partido no Facebook e Instagram: conservadorismo e reacionarismo na conjuntura brasileira. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019 .

SOARES, Ingrid. Empresários bancam ataques e gabinete do ódio é criminoso, diz Moraes. **Correio Braziliense**, 27 mai. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/27/interna_politica,858746/empresarios-bancam-ataques-e-gabinete-do-odio-e-criminoso-diz-moraes.shtml>. Acesso em: 5 nov. 2020.

SUNG, Morgan. 4chan trolling turned the OK sign into a symbol of hate. **Mashable**, 26 set. 2019. Disponível em: <<https://mashable.com/article/ok-hand-gesture-hate-symbol-anti-defamation-league-white-supremacy/>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Cláudia C. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

QUINN, Zoë. What Happened After GamerGate Hacked Me. **Time**, 11 set. 2017. Disponível em: <<https://time.com/4927076/zoe-quinn-gamergate-doxxing-crash-override-excerpt/>>. Acesso: em 6 nov. 2020.

SANTINO, Renato. Hacker 'trolla' site da NSA para demonstrar falha do Windows 10. **Olhar Digital**, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/fique_seguro/noticia/hacker-trolla-site-da-nsa-para-demonstrar-falha-do-windows-10/95477>. Acesso em: 6 nov. 2020.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. Cambridge: MIT Press, 2013.

SILVA, Danniell Gobbi Fraga da. **Identidade em ambiente virtual:** uma análise da rede de estudantes pela liberdade. 2016. 126 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

TARROW, Sidney. **O Poder em Movimento:** Movimentos Sociais e confronto político, Petrópolis, Editora Vozes, 2009 [1998]

TILLY, Charles. **Regimes and Repertoires**. The University of Chicago Press, 2006.

THORBURN, Joshua; TORREGROSA, Francisco Javier López; PANIZO, Ángel Lledot. **Measuring Extremism:** Validating an Alt-Right Twitter Accounts Dataset. 19th International Conference on Intelligent Data Engineering and Automated Learning. Madri: 2018.

WILSON, Ryan. The Splintering of the Alt-Right and the 21st Century Culture War. **Medium**, 14 jan. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@ryan.wilson614/the-splintering-of-the-alt-right-and-the-21st-century-culture-war-eb109af7b863>>. Acesso em: 6 nov. 2020.

ZUCCO, Cesar. Esquerda, direita e governo: a ideologia dos partidos políticos brasileiros. In: Power, Timothy J.; Zucco, Cesar (orgs.). **O Congresso por ele mesmo:** autopercepções da classe política brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ANEXO A - Documentos utilizados no mapeamento de perfis

Tipo	Origem	Nome	Data de publicação	Número de contas
Documento recebido	CPMI das Fake News	DOC 014	5 de novembro de 2019	1
Documento recebido	CPMI das Fake News	DOC 057	21 de fevereiro de 2020	4
Documento recebido	CPMI das Fake News	DOC 072	11 de maio de 2020	23
Documento recebido	CPMI das Fake News	DOC 10.3	30 de outubro de 2019	27
Documento recebido	CPMI das Fake News	DOC 10.4	30 de outubro de 2019	7
Documento recebido	CPMI das Fake News	DOC 10.32	30 de outubro de 2019	4
Documento recebido	CPMI das Fake News	DOC 10.35	30 de outubro de 2019	15
Documento recebido	CPMI das Fake News	DOC 032		52
Documento exibido em apresentação	CPMI das Fake News	Depoimento de Joice Hasselmann		35
Mandado do Inquérito 4781	STF (Inquérito 4781)	Inquérito 4.781	27 de maio de 2020	27
Mandado do Inquérito 4781	STF (Inquérito 4781)	Inquérito 4.781	28 de julho de 2020	16

Fonte: elaboração do autor.

ANEXO B – Contas do Twitter citadas nos documentos analisados

Usuário	Citações	Existe	Pública	Portal de notícia	Apta para coleta	ID da conta¹⁶
allanldsantos	7	Sim	Sim	Não	Sim	52048790x
lets_dex	5	Sim	Sim	Não	Sim	172572824x
leandroruschel	4	Sim	Sim	Não	Sim	174818242x
moura_101	3	Sim	Sim	Não	Sim	3318337402x
silviogrimaldo	3	Sim	Sim	Não	Sim	15918946x
lsentoesl	3	Sim	Sim	Não	Sim	12542848249883320 32x
carteireoreaca	3	Sim	Sim	Não	Sim	2797010717x
damadeferroofic	3	Sim	Sim	Não	Sim	10436155819734999 04x
_leitadas_loen	3	Sim	Sim	Não	Sim	12679255276057559 05x
criticanac	4	Sim	Sim	Sim	Não	70860026658572697 7x
leo_bolsoneas	3	Não	Sim	Não	Não	
brasileirinh0s_	3	Não	Sim	Não	Não	
sensoinc	3	Sim	Sim	Sim	Não	3237751515x

¹⁶ ID acrescido do caractere “x”.

flaviogordon	3	Sim	Sim	Não	Sim	50704902x
daniel_1_lopez	2	Sim	Sim	Não	Sim	14538119x
reportersalles	2	Sim	Sim	Não	Sim	64523460x
conexaopolitica	2	Sim	Sim	Sim	Não	1523748277x
rosedbarros	2	Sim	Sim	Não	Sim	123710016x
clubedadireita	2	Sim	Sim	Não	Sim	1138520072782266368x
odiodobeem	2	Sim	Sim	Não	Sim	1258146623584157698x
profpaulamarisa	2	Sim	Sim	Não	Sim	75058892x
jogaibmargareth	2	Sim	Sim	Não	Não	1167244231737532417x
josiasteofilo	2	Sim	Sim	Não	Sim	2836815753x
filipebarrost	2	Sim	Sim	Não	Sim	225925013x
jhonvalencio	2	Sim	Sim	Não	Sim	1161296781394808833x
paulobriguet	2	Sim	Sim	Não	Sim	923283344686813186x
marcofeliciano	2	Sim	Sim	Não	Sim	35805725x
bernardopkusterr	2	Não	Não	Não	Não	

marcosp15232835	2	Não	Não	Não	Não	
abrahamweint	2	Sim	Sim	Não	Sim	1120399498692497408x
miguelrrrt	2	Não	Não	Não	Não	
belinhapoodlebr	2	Sim	Sim	Não	Sim	3207380655x
lorenzonitalo	2	Sim	Sim	Não	Sim	3063469756x
biakicis	2	Sim	Sim	Não	Sim	357030742x
newtonrieger	2	Sim	Sim	Não	Não	2712724919x
bolsonarosp	2	Sim	Sim	Não	Sim	74756085x
smith_hays	2	Não	Não	Não	Não	
upbfanfaka	2	Não	Sim	Não	Não	
teresinhalopes	2	Sim	Sim	Não	Sim	56526010x
oproprioolavo	1	Sim	Sim	Não	Sim	1104111760242548736x
oswaldojor	1	Sim	Sim	Não	Sim	61251074x
osidius	1	Sim	Sim	Não	Sim	14649317x
oproprioportes	1	Não	Não	Não	Não	
neydocaa	1	Sim	Não	Não	Não	736992758427209728x
opropriolavo	1	Sim	Sim	Não	Sim	2892290499x

olavooopressor	1	Sim	Sim	Não	Sim	75147127896875827 2x
odiodobem	1	Não	Sim	Não	Não	
ninguém se importa podcast	1	Não	Não	Não	Não	
nandxscam	1	Não	Sim	Não	Não	
patri0tas	1	Não	Sim	Não	Não	
5gu	1	Não	Não	Não	Não	
rivotripa	1	Não	Não	Não	Não	
patrlotas	1	Sim	Sim	Não	Sim	95558632345221939 3x
paulocs535109 03	1	Sim	Sim	Não	Sim	86682794557436723 2x
tonhodrinks	1	Sim	Sim	Não	Sim	11426446513561108 48x
tercalivre	1	Sim	Sim	Sim	Não	2886474167x
taoquei1	1	Sim	Sim	Não	Sim	1087259768x
taiguara_sousa	1	Sim	Sim	Não	Sim	78691082x
tabando o quebru	1	Não	Não	Não	Não	
stachin_marcel o	1	Não	Não	Não	Não	
srkonkel	1	Sim	Sim	Não	Sim	2829013245x

sophie_trix	1	Não	Sim	Não	Não	
somosalianca	1	Sim	Sim	Não	Sim	11913819841253580 80x
sidney_andreat o	1	Sim	Sim	Não	Sim	367354771x
senorromanini	1	Não	Não	Não	Não	
semcpfnaopin a	1	Sim	Sim	Não	Sim	11161027436204974 08x
sec0mav	1	Não	Não	Não	Não	
sarawinter_	1	Não	Sim	Não	Não	
saoblack	1	Não	Não	Não	Não	
russianbotbr	1	Sim	Sim	Não	Sim	99499293889471692 8x
rodrigo_ribeiro 2	1	Sim	Sim	Não	Sim	12900896675771596 80x
roboconservad or	1	Não	Não	Não	Não	
mateusoliveira b	1	Não	Não	Não	Não	
ricwagner01	1	Não	Não	Não	Não	
redvaldi	1	Não	Não	Não	Não	
professorigor	1	Sim	Sim	Não	Sim	52838600x
pppholanda	1	Não	Não	Não	Não	

pedrotrl	1	Sim	Sim	Não	Sim	90279717x
pavaomisterios o7	1	Não	Não	Não	Não	
mavinha	1	Não	Não	Não	Não	
lana98904607	1	Não	Não	Não	Não	
mas como assim, khodak?	1	Não	Não	Não	Não	
defantimurilo	1	Não	Não	Não	Não	
cotore	1	Não	Não	Não	Não	
cmtewinston	1	Não	Não	Não	Não	
clauwild1	1	Sim	Sim	Não	Sim	89428199568934912 0x
cinefilo_k	1	Sim	Sim	Não	Sim	3301120439x
choracuica	1	Sim	Sim	Não	Sim	8236782x
caroldetoni	1	Sim	Sim	Não	Sim	4566967516x
carlosjordy	1	Sim	Sim	Não	Sim	82271629x
carlosbolsonar o	1	Sim	Sim	Não	Sim	68712576x
carlazambelli3 8	1	Sim	Sim	Não	Sim	97512772750118502 5x
cadefeministas	1	Sim	Sim	Não	Sim	87512238062406041 7x
brunafeia	1	Sim	Sim	Não	Sim	62349451x

brasil_paralelo	1	Sim	Sim	Não	Sim	75692726575847014 4x
bolsonaro opressor 2.0	1	Não	Não	Não	Não	
bobjeffhd	1	Sim	Sim	Não	Sim	12902592404944322 56x
benebarbosa_ mvp	1	Sim	Sim	Não	Sim	60957484x
bellizia70	1	Não	Não	Não	Não	
andrepetroa	1	Não	Não	Não	Não	
anavilarinno	1	Sim	Sim	Não	Sim	11645537998827479 04x
analice	1	Sim	Não	Não	Não	15122619x
allanfrutuozo	1	Não	Não	Não	Não	
alexsanspachec o	1	Não	Não	Não	Não	
alexpachecopr of	1	Sim	Sim	Não	Sim	12014649363896606 72x
_fmorgenstern	1	Sim	Sim	Não	Sim	11928833554251653 13x
danielpmerj	1	Sim	Sim	Não	Sim	91249277966999961 6x
delluca	1	Sim	Sim	Não	Sim	162404727x

maicontropiano	1	Sim	Sim	Não	Sim	43231469x
depheliolopes	1	Sim	Sim	Não	Sim	2585621855x
luciano_hang	1	Não	Não	Não	Não	
lucas_licio	1	Sim	Sim	Não	Sim	10319162314425262 10x
lorde7	1	Não	Não	Não	Não	
_alanaruas	1	Sim	Sim	Não	Sim	223708841x
kaputinik	1	Não	Não	Não	Não	
joaquintex	1	Sim	Sim	Não	Sim	10971237266074787 84x
jessicambrosio	1	Sim	Sim	Não	Sim	161173235x
jairbolsonaro	1	Sim	Sim	Não	Sim	128372940x
jaderplanb	1	Não	Não	Não	Não	
guilianoneres	1	Não	Não	Não	Não	
guilherme	1	Sim	Sim	Não	Sim	74863353796902092 8x
gtabacow	1	Não	Não	Não	Não	
filipetrielli	1	Sim	Sim	Não	Sim	27699093x
felipezando	1	Sim	Sim	Não	Sim	364513456x
felipelourabras	1	Sim	Sim	Não	Sim	10869614924429680 66x

exuliane	1	Sim	Sim	Não	Sim	2203347306x
estevantavares	1	Sim	Sim	Não	Não	228957561x
enzuh14	1	Sim	Sim	Não	Sim	12903526975483863 05x
edsonsalomaos p	1	Sim	Sim	Não	Sim	12868795925407662 18x
edgardcorona	1	Não	Não	Não	Não	
dudu	1	Sim	Sim	Não	Sim	116247695x
douglasgarcia	1	Sim	Sim	Não	Sim	10407049833589555 26x
donareginaa	1	Sim	Sim	Não	Sim	91639515475541196 8x